





le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CRUZ E SOUZA

PHARÓES



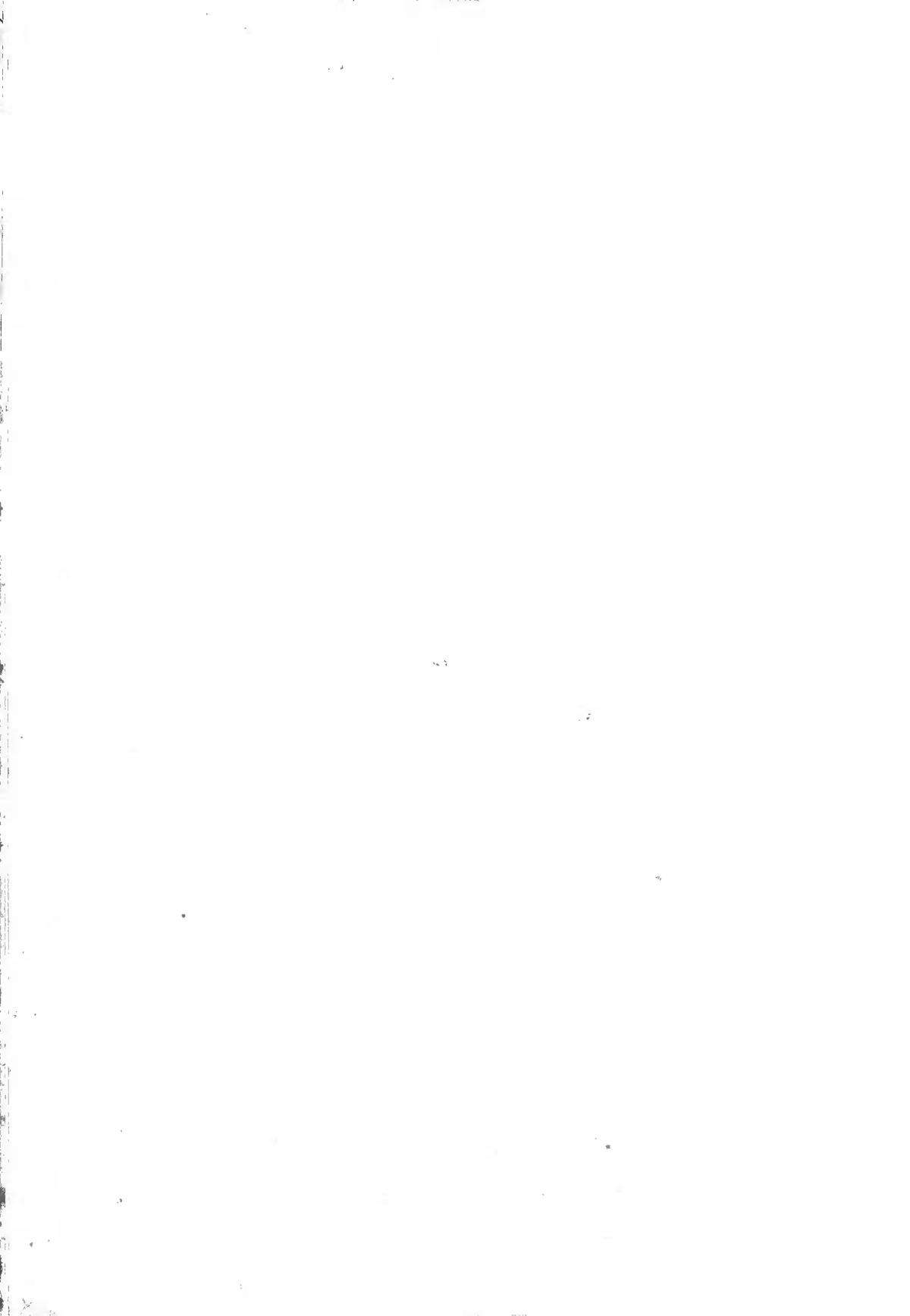
LAEMMERT & CO
LIVRARIA UNIVERSAL
* S. PAULO *

RIO DE JANEIRO

1900

TYPOGRAPHIA DO INSTITUTO PROFISSIONAL
Rio de Janeiro

PHARÓS



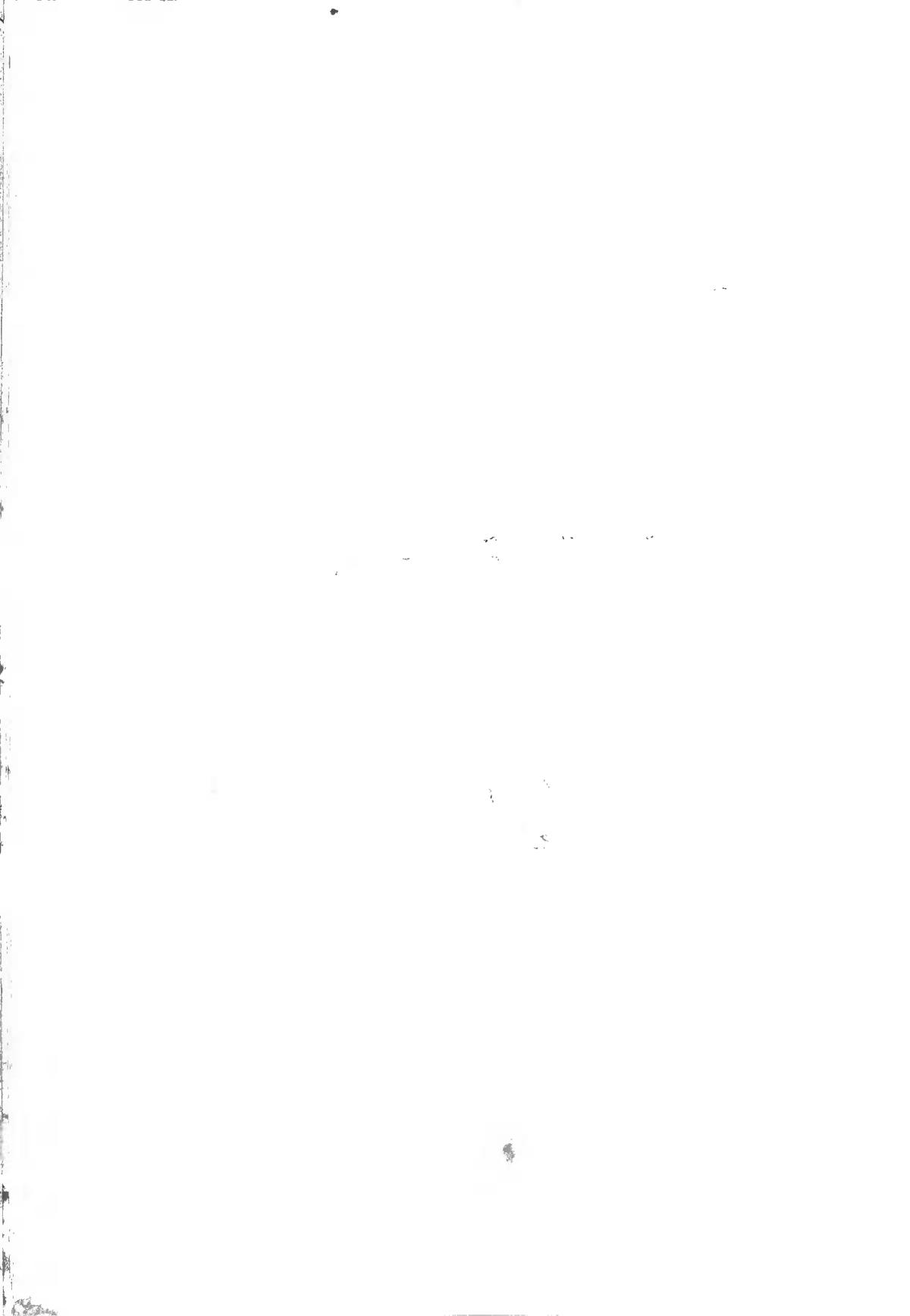
CRUZ E SOUZA

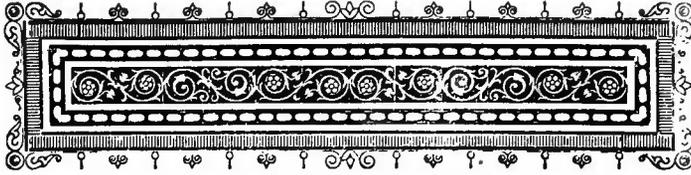
PHARÓES



RIO DE JANEIRO

—
1900





RECÓLTA D'ESTRELLAS

(A Tiburcio de Freitas)

Filho meu, de nome escripto
Da minh'alma no Infinito.

Escripto a estrellas e sangue
No pharol da lua langue...

Das tuas azas serenas
Faz manto para estas penas.

Dá-me a esmola de um carinho
Como a luz de um claro vinho.

Com tua mão pequenina
Caminhos em flôr me ensina.

Com teu riso fresco e suave
Oh! dá-me do encanto a chave.

Do teu florão d'Innocencia
Dá-me as rosas da Clemencia.

Como outro Jesús bambino,
Esclarece-me o Destino.

Traz luz ao mundano pégo
Onde sigo, mudo e cégo...

Com teus enleios e graça
Nos meus cuidados perpassa.

Este peito accênde, inflamma
Na mais sacrosanta chamma.

Faz brotar nevados lyrios
Das cruces dos meus martyrios.

Dá-me um sol de estranho brilho,
Flôr das lágrimas, meu filho.

Rebento triste, orvalhado
Com tanto pranto chorado.

Filho das ancias, das ancias,
Das mysteriosas fragrancias.

Filho de aromas secrétos
E de desejos inquietos.

De suspiros anhelantes
E impaciencias clamantes.

Filho meu, thesouro mago
De todo este affecto vago...

Filho meu, torre mais alta
De onde o meu amôr se exalta.

Amphora azul, de onde o incenso
Dos sonhos se eléva denso.

Constellação flammejada
De toda esta vida anciada.

Crysol onde lento, lènto
Purifico o Sentimento.

Iris curioso onde gyro
E allucinado deliro.

Signo dos signos extremos
Destes tormentos supremos.

Orbita de astros onde paio
E em febre de luz desvairo.

Vertigem, vertigem viva
Da paixão mais convulsiva.

Traz-me unção, traz-me concórdia
E paz e misericórdia.

Do teu sorriso a frescura
Rios de ouro abra, na Altura.

Abra, accenda labarédas,
Illuminando-me as quédas.

Flôr nocturna da luxuria
Brotada de haste purpurea.

Dos teus olhos dadivosos
Escorram óleos preciosos...

Oleos candidos, dos mundos
Maravilhosos, profundos.

Oleos virgens se derramem
E o meu viver embalsamem.

Embalsamem de eloquentes,
Celestes dôns prefulgentes.

Para que eu póssa com calma
Erguer os castellos da alma.

Para que eu durma tranquillo
Lá no sepulchral Sigillo.

O' meu Filho, ó meu eleito
Deslumbramento perfeito.

Traz novo esplendor ao facho
Com que altos Mystérios acho.

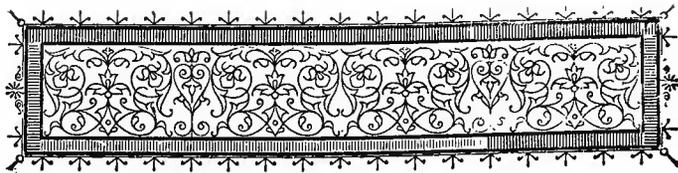
Meu Filho, frágil e téрно,
Soccórre-me do atro Inferno.

Onde vibram gladios duros
Por ergástulos escuros.

E cruzam flammíneas, fortes,
Negras vidas, negras mortes.

Onde técem Satanazes
Sete circulos vorazes...

1º de Outubro de 1895.



RECÓRDA !

Quando a onda dos desejos inquietantes,
Que do peito transbórda,
Morrer, enfim, nas amplidões distantes,
Recórda-te, recórda...

Revive dessa musica já finda
Que nas estrelas dórme.
Volta-te ao mundo seductor ainda
Da Ilusão multiforme !

Vólta, recórda eternamente, vólta
Aos pharóes da Esperança,
Do Sonho estranho as grandes azas sólta
A' celeste Bonança.

Recórda mágoas, lagrimas e risos
E soluços e anceios...
Revive dos nevoeiros indecisos
E dos vãos devaneios.

Revive ! Gósa ! Desolado, embóra,
Sorrindo e soluçando,
Erguendo os véos de já passada aurora,
Recordando e sonhando...

Cada alma tem seu intimo recato
N'uma estrella perdida
E cada coração intemerato
Tem na estrella uma vida.

Applica o ouvido á correnteza fria
Dos golphões da materia
E recórda de que lama sombria
É composta a miséria.

Recórda ! Sonha ! Nas estrellas érra,
Beduino do Espaço.
Aos sonhos brancos, que não são da Terra,
Dá, sorrindo, o teu braço...

Dá o teu braço, pelos céus sorrindo
E recordando parte
E has de entender os claros céus, sentindo
Que andas a recordar-te.

Bate á porta dos Astros solitarios
Dos eternos Fulgôres,
Em busca desses mortos visionarios,
Almas de sonhadores.

Ah ! vólta á infancia dos primeiros beijos,
Dos momentos sidereos,
Volta á sêde dos ultimos desejos,
Dos primeiros mysterios !

Ah ! volta aos desenganos primitivos,
Volta á essencia dos annos,
Volta aos espectros tristemente vivos,
Ah ! volta aos desenganos !

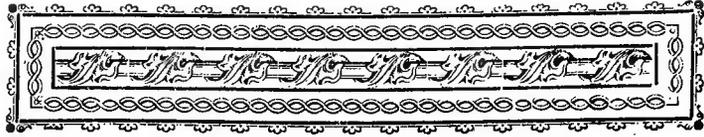
Volta aos serenos, floridos oásis,
Volta aos hymnos profundos,
Volta ás efflorescencias dos Lilazes,
Volta, volta a esses mundos !

Fique na Sombra e no Silencio d'alma
Todo o teu ser dolente,
Para tranquillo, com ternura e calma,
Recordar docemente...

Na Sombra então e no Silencio denso,
Como em mágicas plagas,
Faz accender o alampadario immenso
Das Recordações vagas...

Pousa a cabeça, meigamente pousa
Nesse augusto Quebranto
E nem da Terra a mais ligeira cousa
Te despérte do Encanto.

Para o Amôr, para a Dôr e para o Sonho
Nas Esphéras transbórda...
E entre um soluço e um segredo risonho
Recórda-te, recórda...



CANÇÃO DO BEBADO

Na lama e na noite triste
Aquelle bebado ri !
Tu' alma velha onde existe ?
Quem se recórda de ti ?

Por onde andam teus gemidos,
Os teus noctambulos ais ?
Entre os bebados perdidos
Quem sabe do teu — jamais ?

Porque é que ficas á lua
Comtemplativo, a vagar ?
Onde a tua noiva nua
Foi tão depressa a enterrar ?

Que flôres de graça doente
Tua fronte vem florir
Que ficas amargamente
Bebado, bebado a rir ?

Que vês tu nessas jornadas ?
Onde está o teu jardim
E o teu palacio de fadas,
Meu somnambulo arlequim ?

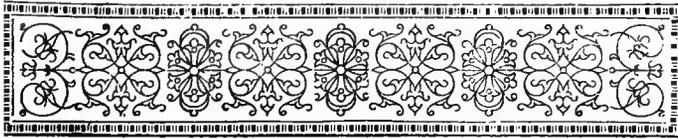
De onde trazes essa bruma,
Toda essa névoa glacial
De flôr de languida espuma,
Regada de óleo mortal ?

Que soluço extravagante,
Que negro, soturno fél
Põe no teu ser doudejante
A confusão da Babel ?

Ah ! das lagrimas insanas
Que ao vinho misturas bem,
Que de visões sobrehumanas
Tu'alma e teus olhos têm !

Bocca abysmada de vinho,
Olhos de pranto a correr,
Bemdito seja o carinho
Que já te faça morrer !

Sim ! Bemdita a cóva estreita,
Mais larga que o mundo vão,
Que póssa conter direita
A noite do teu caixão !



A FLOR DO DIABO

Branca e floral como um jasmim do Cabo,
Maravilhosa resurgio um dia
A fatal Creação do fulvo Diabo,
Eleita do peccado e da Harmonia.

Mais do que tudo tinha um ar funesto,
Embora tão radiante e fabulosa.
Havia subtilezas no seu gesto
De recordar uma serpente airosa.

Branca, surgindo das vermelhas chammas
Do Inferno inquisidor corrupto e langue,
Ella lembrava, Flor de excelsas famias,
A Via-Lactea sobre um mar de sangue.

Foi n'um momento de saudade e tédio,
De grande tédio e singular Saudade,
Que o Diabo, já das culpas sem remedio,
Para formar a egrégia magestade,

Gerou, da poeira quente das areias
Das praias infinitas do Desejo,
Essa langue sereia das sereias,
Desencantada com o calor de um beijo.

Sobre galpões de sonho os seus palacios
Tinham bizzaros e galhardos luxos.
Mais grave de eloquencia que os Horacios,
Vivia a vida dos perfectos bruxos.

Somno e preguiça, mais preguiça e somno,
Luxurias de nababo e mais luxurias,
Molles coxins de languido abandono
Por entre estranhas florações purpureas.

A's vezes, sob o luar, nos rios mortos,
Na vaga ondulação dos lagos frios,
Boiavam diabos de chavelhos tortos,
E de vultos macabros, fugidios.

A lua dava sensações inquietas
A's paisagens avernicas em torno
E alguns demonios com perfis de ascetas
Dormiam no luar um somno morno...

Foi por horas de Scysma, horas ethéreas
De magia secreta e triste, quando
Nas lagoas lethificas, sidéreas,
O cadaver da lua vae boiando...

Foi n'uma d'essas noites taciturnas
Que o velho Diabo, sabio d'entre os sabios,
Desencantado o seu poder das furnas,
Com o riso augusto a flammejar nos labios,

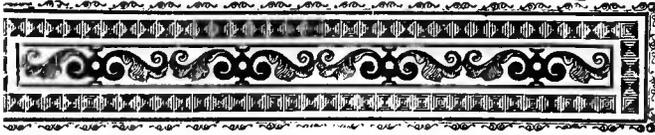
Formou a flor de encantos exquisitos
E de essencias esdruxulas e finas,
Pondo n'ella oscillantes infinitos
De vaidades e graças femininas.

E deu-lhe a quintessencia dos aromas,
Sonoras harpas de alma, extravagancias,
Pureza hostial e púbere de pômas,
Toda a melancolia das distancias...

Para haver mais requinte e haver mais viva,
Doce belleza e original caricia,
Deu-lhe uns toques ligeiros de ave esquiva
E uma aureola secreta de malicia.

Mais hoje o Diabo já senil, já fossil,
Da sua Creação desiludido,
Perdida a antiga ingenuidade docil,
Chora um pranto nocturno de Vencido.

Como do fundo de vitraes, de frescos
De gothicas capellas isoladas,
Chora e sonha com mundos pittorescos,
Na nostalgia das Regiões Sonhadas.



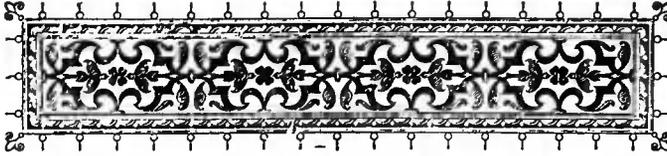
AS ESTRELLAS

Lá, nas celestes regiões distantes,
No fundo melancólico da Esphéra,
Nos caminhos da eterna Primavera
Do amor, eis as estrellas palpitantes.

Quantos mysterios andarão errantes,
Quantas almas em busca da Chiméra,
Lá, das estrellas nessa paz austéra
Soluçarão, nos altos céos radiantes.

Finas flôres de pérolas e prata,
Das estrellas serenas se desata
Toda a caudal das illusões insanas.

Quem sabe, pelos tempos esquecidos,
Se as estrellas não são os ais perdidos
Das primitivas legiões humanas ? !



PANDEMONIUM

(A Mauricio Jubim)

Em fundo de tristeza e de agonia
O teu perfil passa-me noite e dia.

Afflicto, afflicto, amargamente afflicto,
Num gesto estranho que parece um grito.

E ondula e ondula e palpitando vaga,
Como profunda, como velha chaga.

E paira sobre ergástulos e abysmos
Que ábrem as boccas cheias de exorcismos.

Com os olhos vêsgos, a fluctuar d'esguelha,
Ségue-te átraz uma visão vermelha.

Uma visão gerada do teu sangue
Quando no Horrôr te debateste exangue.

Uma visão que é tua sombra pura
Rodando na mais trágica tortura.

A sombra dos supremos soffrimentos
Que te abaláram como negros ventos.

E a sombra as tuas voltas acompanha
Sangrenta, horrível, assombrosa, estranha.

E o teu perfil no vácuo perpassando
Vê rubros caractéres flammejando.

Vê rubros caractéres singulares
De todos os festins de Balthazares.

Por toda a parte escripto em fogo eterno:
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!

E os emissarios espectraes das mortes
Abrindo as grandes azas flammi-fortes...

E o teu perfil oscilla, treme, ondula,
Pelos abysmos eternaes circula...

Circula e váe gemendo e váe gemendo
E suspirando outro suspiro horrendo.

E a sombra rubra que te váe seguindo
Tambem parece ir soluçando e rindo.

Ir soluçando, de um soluço cavo
Que dos venenos traz o torvo travo.

Ir soluçando e rindo entre vorazes
Satanismos diabolicos, mordazes.

E eu já nem sei se é realidade ou sonho
Do teu perfil o divagar medonho.

Não sei se é sonho ou realidade todo
Esse accordar de chammas e de lodo.

Tal é a poeira extrema confundida
Da morte a raios de ouro de outra Vida.

Taes são as convulsões do ultimo arranco
Presas a um sonho celestial e branco.

Taes são os vagos circulos inquietos
Dos teus gyros de lagrimas secrétos.

Mas, de repente, eis que te reconheço,
Sinto da tua vida o amargo preço.

Eis que te reconheço escravizada,
Divina Mãe, na Dôr acorrentada.

Que reconheço a tua bocca presa
Pela mordação de uma sêde accêsa.

Presa, fechada pela atroz mordança
Dos fundos desesperos da Desgraça.

Eis que lembro os teus olhos visionarios
Cheios do fél de barbaros Calvarios.

E o teu perfil azas abrir parece
Para outra Luz onde ninguem padéce...

Com doçuras feéricas e meigas
De Satans juvenis, ao luar, nas veigas.

E o teu perfil fórma um saudoso vulto
Como de Santa sem altar, sem culto.

Fórma um vulto saudoso e peregrino
De força que voltou ao seu destino.

De ser humano que soffrendo tanto
Purificou-se nos Azues do Encanto.

Subio, subio e mergulhou sósinho,
Desamparado, no lethal caminho.

Que lá chegou transfigurado e aéreo,
Com os aromas das flôres do Mystério.

Que lá chegou e as mortas portas mudas
Fez abalar de imprecações agudas...

E váe e váe o teu perfil ancioso,
De ondulações phantasticas, brumoso.

E váe perdido e váe perdido, errante,
Tremulo, triste, vaporoso, ondeante.

Váe suspirando, n'um suspiro vivo
Que palpita nas sombras incisivo...

Um suspiro profundo, tão profundo
Que arrasta em si toda a paixão do mundo.

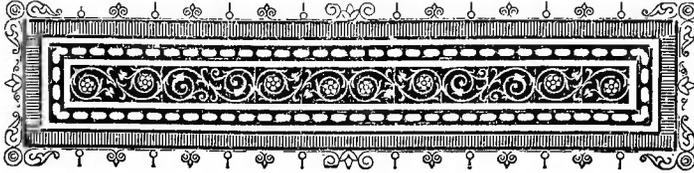
Suspiro de martyrio, de anciedade,
De allivio, de mysterio, de saudade.

Suspiro immenso, atterrador e que érra
Por tudo e tudo eternamente atterra...

O pandemonium de suspiros sôltos
Dos condemnados corações revôltos.

Suspiro dos suspiros anciados
Que rasgam peitos de dilacerados.

E mudo e pasmo e compungido e absorto,
Vendo o teu lento e doloroso gyro,
Fico a scysmar qual é o rio morto
Onde vae divagar esse suspiro.



ENVELHECER

Flôr d'indolencia, fina e melindrosa,
Captivante sereia da esperança,
Cêdo tivéste a crença dolorosa
De quanto a vida é velha e como cança...

Na languida, na mórna morbidez
Do teu amargo e triste celibato,
Tu te fechaste para a Natureza
Como a lua no célico recato.

No fundo delicado dos teus seios
Foste esconder os sentimentos vagos,
E todos os dolentes devaneios
Das estrellas sonhando á flôr dos lagos.

Todas as altas células de ouro e prata
De teu claustro de Virgem sem affecto
Fecharam sobre tu'alma tímorata
Austéras portas, com fragôr secreto.

No entanto havia no teu corpo ondeante
As delicias subtis de um céu fugace...
E éra talvez o encanto mais picante
A graça aldeã do teu nariz rapace.

Teus olhos tinham certa mágoa nobre
E certo fundo de doirado abysmo.
E a malicia que logo se descobre
Em olhos de felino narcotismo.

Mas na bocca trazias todo o occulto
Tóque sombrio de ironia grave...
E como que as bellezas do teu vulto
Abriam azas peregrinas de ave.

Tinhas na bocca esse elixir ardente
Da volupia mortal dos gosos e éssa
Chamma de bocca, feita unicamente
Para no goso envelhecer depréssa.

E envelheceste tanto, muito cêdo,
Sumiu-se tão depressa o teu encanto,
Foi tão fallaz o seductor segredo
Do teu carnal e languido quebranto !

Envelheceste para os vãos idyllios,
Para os estranhos estremecimentos,
Para os brilhos iriantes dos teus cilios
E para os sepulchraes esquecimentos.

Envelheceste para os vãos amores,
E para os olhos, para as mãos que abrias
Como dous talismans de brancas flôres
E de leves e doces harmonias...

Presa, sem ar, sem sol, crepusculada
No celibato que não tem perfume
De todo envelheceste abandonada,
Já como um ser que não provóca ciume.

Envelhecer é reduzir a vida
A sentimentos de tristeza austéra,
Enclausural-a n'uma grave ermida
De luto e de silencio sem chiméra.

E envelhecer na juventude flórea,
Do celibato emmurchecido lyrio,
É ficar sob os pállios da illusória
Melancholia, como a luz de um cyrio...

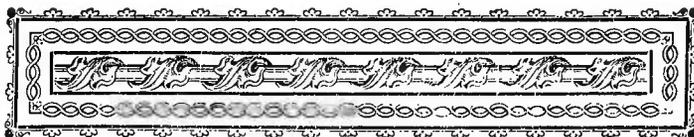
Envelhecer assim, virgem e forte,
É cerrar contra o mundo a rósea porta
Do Amor e apenas esperar a Morte,
A alma já muda, ha muito tempo morta.

Envelheces de tédio, de canção,
D'illusões e de scysmas e de penas,
Como envelhéce no celeste espaço
O turbilhão das estrellas serenas.

O Amor os corações fez interdictos
Ao teu magoado coração captivo
E apagou-te os sublimes infinitos
Do seu clarão fecundador e vivo.

Hoje envelhéces na clausura immensa,
Dentro de um sonho pállido fenéces.
Tua belleza véste névoa densa,
Em surdinas e sombras envelhéces.

De pranto e luar, n'um desolado mixto,
Cáe a noite na tua puberdade
E como a Rediviva do Imprevisto,
Erras e sonhas pela Eternidade !



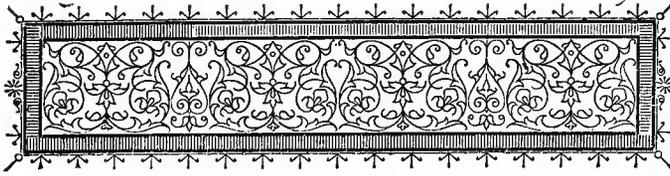
FLORES DA LUA

Brancuras immortaes da Lua Nova,
Frios de nostalgia e somnolencia...
Sonhos brancos da Lua e viva essencia
Dos phantasmas noctivagos da Cova.

Da noite a tarda e taciturna trova
Soluça, .n'uma tremula dormencia...
Na mais branda, mais leve florescia
Tudo em Visões e Imagens se renóva.

Mysterios virginaes dórmem no Espaço,
Dormem o somno das profundas seivas,
Monotono, infinito, estranho e lasso...

E das Origens na luxuria forte
Abrem nos astros, nas sidereas leivas
Flôres amargas do pallôr da Morte.



TÉDIO

Valla commum de corpos que apodrecem,
Esverdeada gangrena
Cobrindo vastidões que phosphorecem
Sobre a esfera terrena.

Bocejo tórvo de desejos turvos,
Languecente bocejo
De velhos diabos de chavelhos curvos
Rugindo de desejo.

Sangue coalhado, congelado, frio,
Espasmado nas veias...
Pesadelo sinistro de algum rio
De sinistras sereias...

Alma sem rumo, a modorrar de somno,
Molle, turbida, lassa...
Monotonias lubricas de um mono
Dançando n'uma praça...

Mudas epilepsias, mudas, mudas,
Mudas epilésias,
Masturbações mentaes, fundas, agudas,
Negras nevrostenias.

Flôres sangrentas do soturno vicio
Que as almas queima e mórde...
Musica estranha de lethal supplicio,
Vago, mórbido accorde...

Noite cerrada para o Pensamento,
Nebuloso degredo
Onde em cavo clangor surdo do vento
Rouco pragueja o medo.

Plaga vencida por tremendas pragas,
Devorada por pestes,
Esboroada pelas rubras chagas
Dos incendios celestes.

Sabor de sangue, lagrimas e terra
Revolvida de fresco,
Guerra sombria dos sentidos, guerra,
Tantalismo dantesco.

Silencio carregado e fundo e denso
Como um poço secreto,
Dobre pesado, carrilhão imenso
Do segredo inquieto...

Florescencia do Mal, hediondo parto
Tenebroso do crime,
Pandemonium feral de ventre farto
Do Nirvana sublime.

Delirio contorcido, convulsivo
De felinas serpentes,
No sillamento e no mover lascivo
Das caudas e dos dentes.

Porco lugubre, lubrico, trevoso
Do tabido peccado,
Fussando colossal, formidoloso
Nos lodos do passado.

Rhythmos de forças e de graças mortas,
Melancolico exilio,
Diffusão de um mysterio que abre portas
Para um secreto idyllio...

Ocio das almas ou requinte d'ellas,
Quintessencias, velhices
De luas de nevróses amarellas,
Venenosas meiguices.

Insomnia mórna e doente dos Espaços,
Lethargia funérea,
Vérmes, abutres a correr pedaços
Da carne delectéria.

Um mixto de saudade e de tortura,
De lama, de odio e de asco,
Carnaval infernal da Sepultura,
Risada do carrasco.

O' tédio amargo, ó tédio dos suspiros,
O' tédio d'anciedades !
Quanta vez eu não subo nos teus gyros
Fundas eternidades !

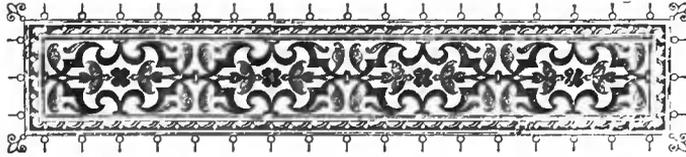
Quanta vez envolvido do teu luto
Nos sudarios profundos
Eu, calado, a tremer, ao longe, escuto
Desmoronarem mundos !

Os teus soluços, todo o grande pranto,
Taciturnos gemidos,
Fazem gerar flores de amargo encanto
Nos corações doridos.

Tédio ! que pões nas almas olvidadas
Ondulações de abysmo
E sombras vês gas, lividas, paradas,
No mais feroz mutismo !

Tédio do Requiem do Universo inteiro,
Morbus negro, nefando,
Sentimento fatal e derradeiro
Das estrellas gelando...

O' Tédio ! Rei da Morte ! Rei bohemio !
O' Phantasma enfadonho !
E's o sol negro, o creador, o gêmeo,
Velho irmão do meu sonho !



LYRIO ASTRAL

Lyrio astral, ó lyrio branco
O' lyrio astral,
No meu derradeiro arranco
Sê cordial!

Perfuma de graça leve
O meu final
Com o doce perfume breve,
O' lyrio astral!

Dá-me esse óleo sacrosanto,
Toda a caudal
Do óleo casto do teu pranto,
O' lyrio astral !

Traz-me o allivio dos allivios,
O' virginal,
O' lyrio dos lyrios niveos,
O' lyrio astral !

D'entre as sonatas da lua
Celestial,
Lyrio, vem, lyrio, fluctúa,
O' lyrio astral !

Dos raios das noites de ouro,
Do Roseiral,
Do constellado thesouro,
O' lyrio astral,

Disprende o fino perfume
Ethereal
E vem do celeste lume,
O' lyrio astral !

Da maviosa suavidade
Do céo floral
Traz a meiga claridade,
O' lyrio astral !

Que bemdita e sempre pura
E divinal
Seja-me a tua frescura,
O' lyrio astral !

Que ella, emfim, me transfigure,
Na hora fatal
E os meus sentidos apure,
O' lyrio astral !

Que tudo que me é avaro
De luz vital,
Nessa hora se tórne claro,
O' lyrio astral !

Que portas de astros, rasgadas
N'um céo lyrial,
Eu veja desassombradas,
O' lyrio astral !

Que eu póssa, tranquillo, vêl-as,
Limpo do mal,
Essas mil portas d'estrellas,
O' lyrio astral !

E penetrar n'ellas, calmo,
Na paz mortal,
Como um davidico psalmo,
O' lyrio astral !

Vento velho que soluça
Meu Sonho idéal,
No Infinito se desbruçá,
O' lyrio astral !

Por isso, lá, no Momento,
Na hora lethal,
Perfuma esse velho vento
O' lyrio astral !

Traz a graça do Infinito,
Graça immortal,
Ao velho Sonho proscripto,
O' lyrio astral !

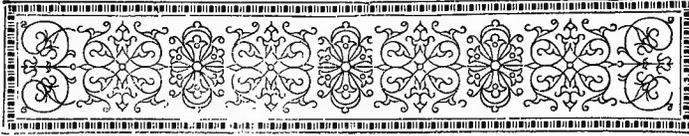
Adóça-me o derradeiro
Sonho feral,
O' lyrio do astral Cruzeiro
O' lyrio astral !

Sê, ó Lyrio, ó doce Lyrio
De luz boréal
Na morte o meu claro cyrio,
O' lyrio astral !

Perfuma, Lyrio, perfuma,
Na hora glacial,
Meu Sonho de Sol, de Bruma,
O' lyrio astral !

Que eu suba na tua essência
Sacramental
Para a excélsa Transcendencia,
O' lyrio astral !

E lá, nas Mésses divinas,
Paire, eternal,
Nas Esphéras crystallinas,
O' lyrio astral !



SEM ESPERANÇA

O' candidos phantasmas da Esperança,
Meigos espectros do meu vão Destino,
Volvei a mim nas leves ondas do Hymno
Sacramental da Bemaventurança.

Nas verêdas da vida a alma não cança
De vos buscar pelo Vergel divino
Do céu sempre estrellado e diamantino
Onde toda a alma no Perdão descança.

Na volupia da dor que me transporta,
Que este meu ser transfunde nos Espaços,
Sinto-te longe, ó Esperança morta.

E em vão alongo os vacillantes passos
A' procura febril da tua porta,
Da ventura celeste dos teus braços.



CAVEIRA

I

Olhos que foram olhos, dous buracos
Agora, fundos, no ondular da poeira...
Nem negros, nem azues e nem opácos.
Caveira !

II

Nariz de linhas, correcções audazes,
De expressão aquilina e feiticeira,
Onde os olfactos virginaes, fallazes ?!
Caveira ! Caveira !!

III

Bocca de dentes limpidos e finos,
De curva leve, original, ligeira,
Que é feito dos teus risos crystallinos ? !
Caveira ! Caveira !! Caveira !!!



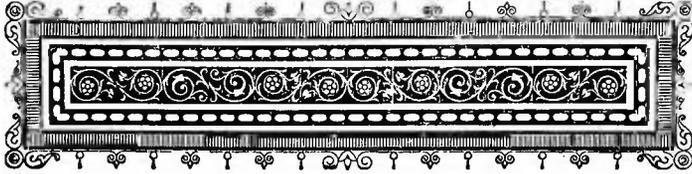
REQUIEM DO SÓL

Aguia triste do Tédio, sól cançado,
Velho guerreiro das batalhas fortes!
Das Illusões as trémulas cohortes
Buscam a luz do teu clarão magoado...

A tremenda avalanche do Passado
Que arrebatou tantos milhões de mortes
Passa em tropél de tragicos Mavortes
Sobre o teu coração ensanguentado...

Do alto domina7 vastidões suprêmas,
Aguia do Tédio prêsa nas algêmas
Da Legenda immortal que tudo engêlha...

Mas lá, na Eternidade, de onde habitas,
Vagam finas tristezas infinitas,
Todo o mysterio da belleza velha !



ESQUECIMENTO

O' Estrellas tranquillas, esquecidas
No seio das Esphéras,
Velhos biliões de lagrimas, de vidas,
Refulgentes Chiméras.

Astros que recordais infancias de ouro,
Castidades serenas,
Irradiações de magico thesouro,
Aromas de assucenas.

Rosas de luz do céu resplandescete,
O' Estrellas divinas,
Sereias brancas da região do Oriente,
O' Visões peregrinas!

Aves de ninhos de frouxéis de prata
Que cantais no Infinito
As Letras da Canção intemerata
Do Mysterio bemdito.

Thuribulos de graça e encantamento
Das sidéreas umbéllas,
Desvendai-me as Mansões do Esquecimento,
Radiantes sentinellas.

Dizei que pallidez de mortos lyrios
Ha por estas estradas
E se terminam todos os martyrios
Nas brumas encantadas.

Se nessas brumas encantadas chóram
Os anceios da Terra,
Se os lyrios mortos que ha por lá se auróram
De purpuras de guerra.

Se as que ha por cá titánicas cegueiras,
Atordoadas victorias,
Embebédam os seres ñas poncheiras
E no gozo das glórias !

O céu é o berço das estrellas brancas
Que dormem de cansaço...
E das almas olympicas e francas
O ridente regaço...

Só elle sabe, o claro céu tranquillo
 Dos grandes resplendores,
Qual é das almas o eternal sigillo,
 Qual o cunho das dores.

Só elle sabe, o céu das quintessências,
 O Esquecimento ignóto
Que tudo envolve nas lethaes diluências
 De um occaso remóto...

O Esquecimento é flôr, subtil, celeste,
 De pallidez risonha.
A alma das cousas languemente véste
 De um véo, como quem sonha.

Tudo no esquecimento se adelgaça...
 E nas zonas de tudo
Na candura de tudo, extremo, passa
 Certo mysterio mudo.

Como que o coração fica cantando
 Porque, tremulo, esquece,
Vivendo a vida de quem vae sonhando
 E no sonho estreméce...

Como que o coração fica sorrindo
 De um modo grave e triste,
Languidamente a meditar, sentindo
 Que o esquecimento existe.

Sentindo que um encanto ethéreo e mago,
 Mas um livido encanto
Põe nos semblantes um luar mais vago,
 Enche tudo de pranto.

Que um concerto de supplicas, de mágoa,
De martyrios secrétos,
Vae os olhos tornando rasos d'agoa
E turvando os objectos...

Que um soluço cruel, desesperado
Na garganta rebenta...
Emquanto o Esquecimento allucinado
Móve a sombra nevoenta !

O' rio rôxo e triste, ó rio morto,
O' rio rôxo, amargo...
Rio de vãs melancolias de Horto
Cahidas do céu largo !

Rio do esquecimento tenebroso,
Amargamente frio,
Amargamente sepulchral, lutuoso,
Amargamente rio !

Quanta dor nessas ondas que tu lévas,
Nessas ondas que arrastas,
Quanto supplicio nessas tuas trévas,
Quantas lagrimas castas !

O' meu verso, ó meu verso, ó meu orgulho,
Meu tormento e meu vinho,
Minha sagrada embriaguez e arrulho
De aves formando ninho.

Verso que me acompanhas no Perigo
Como lança preclara,
Que este peito defende do inimigo
Por estrada tão rara !

O' meu verso, ó meu verso soluçante,
Meu segredo e meu guia,
Tem dó de mim lá no supremo instante
Da suprema agonia.

Não te esqueças de mim, meu verso insan
Meu verso solitario,
Minha terra, meu céu, meu vasto oceano,
Meu templo, meu sacrario.

Embora o esquecimento vão dissolva
Tudo, sempre, no mundo,
Verso ! que ao menos o meu ser se envolva
No teu amor profundo !

Esquecer é andar entre destróços
Que além se multiplicam,
Sem reparar na lividez dos ossos
Nem nas cinzas que ficam...

E' caminhar por entre pezadellos,
Somnambulo perfeito,
Coberto de nevoeiros e de gelos,
Com certa ancia no peito.

Esquecer é não ter lagrimas puras,
Nem azas para beijos
Que võem procurando sepulturas
E queixas e desejos !

Esquecimento ! eclipse de horas mortas,
Relógio mudo, incerto,
Casa vasia... de cerradas portas,
Grande vacuo, deserto.

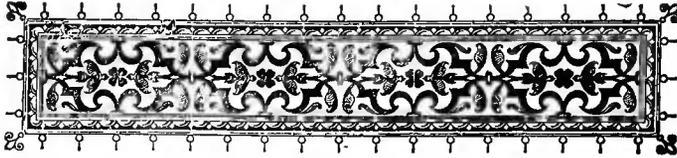
Cinza que cáe nas almas, que as consome,
Que apaga toda a flamma,
Infinito crepusculo sem nome,
Voz morta á voz que a chama.

Harpa da noite irmã do Imponderavel,
De sons langues e enfermos,
Que Deus com o seu mysterio formidavel
Faz calar pelos êrmos.

Solidão de uma plaga extrema e núa,
Onde tragica e densa
Chóra seus lyrios virginaes a lua
Lividamente im mensa.

Silencio dos silencios suggestivos,
Grito sem écho, eterno
Sudario dos Azues contemplativos,
Florecencia do Inferno.

Esquecimento ! Fluido estranho, de ancias,
De negra magestade,
Soluço nebuloso das Distancias
Enchendo a Eternidade !



VIOLÕES QUE CHORAM...

Ah ! plangentes violões dormentes, mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Boccas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
Noites da solidão, noites remotas
Que nos azues da Phantasia bordo,
Vou constellando de visões ignotas.

Subtis palpitações á luz da lua,
Anceio dos momentos mais saudosos,
Quando lá choram na deserta rua
As cordas vivas dos violões chorosos.

Quando os sons dos violões vão soluçando,
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

Harmonias que pungem, que laceram,
Dedos nervosos e ageis que percorrem
Cordas e um mundo de dolencias geram,
Gemidos, prantos, que no espaço morrem...

E sons soturnos, suspiradas magoas,
Magoas amargas e melancolias,
No sussurro monotonico das agoas,
Nocturnamente, entre ramagens frias.

Vozes velladas, velludosas vozes,
Volupias dos violões, vozes velladas,
Vagam nos velhos vortices velozes
Dos ventos, vivas, vans, vulcanisadas.

Tudo nas cordas dos violões echoa
E vibra e se contorce no ar, convulso...
Tudo na noite, tudo clama e vôa
Sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos
São ilhas de degredo atroz, funereo,
Para onde vão, fatigadas do sonho,
Almas que se abysmaram no mysterio.

Sons perdidos, nostalgicos, secretos,
Finas, diluidas, vaporosas brumas,
Longo desolamento dos inquietos
Navios a vagar á flor d'espumas.

Oh ! languidez, languidez infinita,
Nebulosas de sons e de queixumes,
Vibrado coração de ancia exquisita
E de gritos felinos de ciumes !

Que encantos acres nos vadios rotos
Quando em toscos violões, por lentas horas,
Vibram, com a graça virgem dos garotos,
Um concerto de lagrimas sonoras !

Quando uma voz, em tremolos, incerta,
Palpitando no espaço, ondula, ondeia,
E o canto sobe para a flor deserta,
Soturna e singular da lua cheia.

Quando as estrellas magicas florecem,
E no silencio astral da Immensidade
Por lagos encantados adormecem
As pallidas nymphéas da Saudade !

Como me embala toda essa pungencia,
Essas lacerações como me embalam,
Como abrem azas brancas de clemencia
As harmonias dos violões que falam !

Que graça ideal, amargamente triste,
Nos languidos bordões plangendo passa...
Quanta melancolia de anjo existe
Nas Visões melodiosas dessa graça...

Que céu, que inferno, que profundo inferno,
Que ouros, que azues, que lagrimas, que risos,
Quanto magoado sentimento eterno
Nesses rythmos tremulos e indecisos...

Que anhelos sexuaes de monjas bellas
Nas ciliciadas carnes tentadoras,
Vagando no recondito das cellas,
Por entre as ancias dilaceradoras...

Quanta plebéa castidade obscura
Vegetando e morrendo sobre a lama,
Proliferando sobre a lama impura,
Como em perpetuos turbilhões de chamma.

Que procissão sinistra de caveiras,
De espectros, pelas sombras mortas, mudas...
Que montanhas de dor, que cordilheiras
De agonias asperrimas e agudas.

Véos neblinosos, longos véos de viúvas
Enclausuradas nos feraes destellos,
Errando aos sóes, aos vendavaes e ás chuvas,
Sob abobadas lugubres de enterros ;

Velhinhas quêdas e velhinhos quedos,
Cegas, cegos, velhinhas e velhinhos,
Sepulchros vivos de senis segredos,
Eternamente a caminhar sosinhos ;

E na expressão de quem se vai sorrindo,
Com as mãos bem juntas e com os pés bem juntos
E um lenço preto o queixo comprimindo,
Passam todos os lividos defuntos...

E como que ha hystericos espasmos
Na mão qué esses violões agita, largos...
E o som sombrio é feito de sarcasmos
E de somnambulismos e lethargos.

Phantasmas de galés de annos profundos
Na prisão cellular atormentados,
Sentindo nos violões os velhos mundos
Da lembrança fiel de aureos passados ;

Meigos perfis de tysicos dolentes
Que eu vi dentre os violões errar gemendo,
Prostituidos de outr'ora, nas serpentes
Dos vicios infernaes desfallecendo ;

Typos intonsos, esgrouviados, tortos,
Das luas tardas sob o beijo niveo,
Para os enterros dos seus sonhos mortos
Nas queixas dos violões buscando allivio ;

Corpos frageis, quebrados, doloridos,
Frouxos, dormentes, adormidos, languens,
Na degenerescencia dos vencidos
De toda a geração, todos os sangues ;

Marinheiros que o mar tornou mais fortes,
Como que feitos de um poder extremo
Para vencer a convulsão das mortes,
Dos temporaes o temporal supremo ;

Veteranos de todas as campanhas,
Enrugados por fundas cicatrizes,
Procuram nos violões horas estranhas,
Vagos aromas, candidos, felizes.

Ebrios antigos, vagabundos velhos,
Torvos despojos da miseria humana,
Tem nos violões secretos Evangelhos,
Toda a Biblia fatal da dor insana.

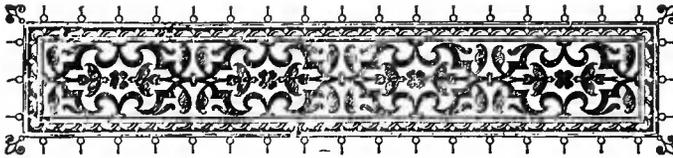
Enxovalhados, tabidos palhaços
De carapuças, mascaras e gestos
Lentos e lassos, lubricos, devassos,
Lembrando a florecencia dos incestos ;

Todas as ironias suspirantes
Que ondulam no ridículo das vidas,
Caricaturas tetrícas e errantes
Dos malditos, dos réos, dos suicidas ;

Toda essa labyrinthica nevrose
Das virgens nos românticos enleios ;
Os occasos do Amor, toda a chlorose
Que occultamente lhes lacera os seios ;

Toda a morbida musica plebéa
De requebros de faunos e ondas lascivas ;
A langue, molle e morna melopéa
Das valsas alanceadas, convulsivas ;

Tudo isso, n'um grotesco desconforme,
Em ais de dor, em contorsões de açoites,
Revive nos violões, acorda e dorme
Através do luar das meias-noites !



OLHOS DO SONHO

Certa noite soturna, solitaria,
Vi uns olhos estranhos que surgiam
Do fundo horror da terra funeraria
Onde as visões somnambulas dormiam...

Nunca taes olhos divisei acaso
Com meus olhos mortaes, allucinados...
Nunca da terra neste leito raso
Outros olhos eu vi transfigurados.

A luz que os revestia e alimentava
Tinha o fulgôr das ardentias vagas,
Um demonio noctambulo espiava
De dentro d'elles como de igneas plagas.

E os olhos caminhavam pela treva
Maravilhosos e phosphorecentes...
Emquanto eu ia como um ser que léva
Pezadellos phantasticos, trementes...

Na treva só os olhos, muito abertos,
Seguiam para mim com magestade,
Um sentimento de crueis desertos
Me apunhalava com atrocidade.

Só os olhos eu via, só os olhos
Nas cavernas da treva destacando :
Pharóes de augurio nos feraes escolhos,
Sempre, tenazes, para mim olhando...

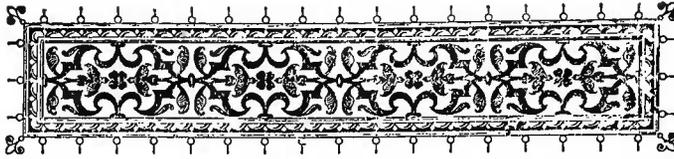
Sempre tenazes para mim, tenazes,
Sem pavôr e sem medo, resolutos,
Olhos de tigres e chacaes vorazes
No instante dos assaltos mais astutos.

Só os olhos eu via ! — o corpo todo
Se confundia com o negrôr em vólta...
O' allucinações fundas do lodo
Carnal, surgindo em tenebrosa escólta !

E os olhos me seguiam sem descanço,
N'uma perseguição de atras voragens,
Nos narcotismos dos venenos mansos,
Como dous mudos e sinistros pagens.

E nessa noite, em todo o meu percurso,
Nas voltas vagas, vans e vacillantes
Do meu caminho, esses dous olhos de urso
Lá estavam tenazes e constantes.

Lá estavam elles, fixamente elles,
Quiétos, tranquillos, calmos e medonhos...
Ah ! quem jamais penetrará n'aquelles
Olhos estranhos dos eternos sonhos !



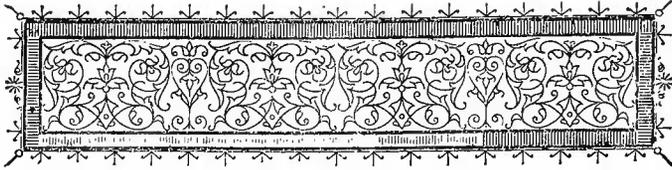
ENCLAUSURADA

O' Monja dos estranhos sacrificios,
Meu amor immortal, Ave de garras
E azas gloriosas, triumphaes, bizarras,
Alquebradas ao peso dos cilicios.

Reclusa flôr que os mais revéis flagicios
Abalaram com as tragicas fanfarras,
Quando em fórmãs exóticas de jarras
Teu corpo tinha a embriaguez dos vicios,

Para onde foste, ó graça das mulheres,
Graça viçosa dos vergéis de Céres,
Sem que o meu pensamento te persiga ?!

Por onde eternamente enclausuraste
Aquella ideal delicadeza de haste,
De esbélta e fina atheniense antiga ?!



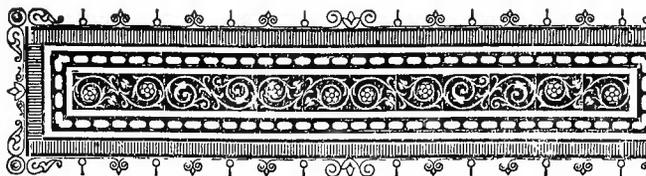
MUSICA DA MORTE...

A musica da Morte, a nebulosa,
Estranha, imensa musica sombria,
Passa a tremer pela minh'alma e fria
Géla, fica a tremer, maravilhosa...

Onda nervosa e atroz, onda nervosa,
Léthes sinistro e torvo da agonia,
Recrésce a lancinante symphonia,
Sóbe, n'uma voluptia dolorosa...

Sóbe, recresce, tumultuando e amarga,
Tremenda, absurda, imponderada e larga,
De pavôres e trévas allucina...

E allucinando e em trévas delirando,
Como um ópio lethal, vertiginando,
Ôs meus nêrvos, lethargica, fascina...



MONJA NEGRA

E' teu esse espaço, é teu todo o Infinito,
Transcendente Visão das lagrimas nascida,
Bemdito o teu sentir, para sempre bemdito
Todo o teu divagar na Esphéra indefinida !

Atravez de teu luto as estrellas meditam
Maravilhosamente e vaporosamente;
Como olhos celestiaes dos Archanjos nos fitam
Lá do fundo negrôr do teu luto plangente.

Almas sem rumo já, corações sem destino
Vão em busca de ti, por vastidões incertas...
E no teu sonho astral, mago e luciferino,
Encontram para o amor grandes portas abertas.

Candida Flôr que aroma e tudo purifica,
Trazes sempre contigo as subtis virgindades
E uma caudal preciosa, interminavel, rica,
De raras suggestões e curiosidades.

As bellezas do mytho, as grinaldas de louro,
Os priscos ouropéis, os symbolos já vagos,
Tudo fórma o painél de um velho fundo de ouro
De onde surges emfim como as visões dos lagos.

Certa graça christã, certo excélso abandono
De Deusa que emigrou de regiões de outr'ora,
Certo aéreo sentir de esquecimento e outono,
Trazem-te as emoções de quem medita e chóra.

E's o immenso crysol, és o crysol profundo
Onde se crystallisam todas as bellezas,
E's o nectar da Fé, de que eu melhor me inundo,
O nectar divinal das mysticas purezas.

O' Monja soluçante! O' Monja soluçante,
O' Monja do Perdão, da paz e da clemencia,
Léva para bem longe este Desejo errante,
Desta febre lethal toda secreta essencia.

Nosteus golfos de Além, nos lagos taciturnos
Nos pélagos sem fim, vorazes e medonhos,
Abafa para sempre os soluços nocturnos,
E as dilacerações dos formidaveis Sonhos!

Não sei que Anjo fatal, que Satan fugitivo,
Que genios infernaes, magnéticos, sombrios,
Deram-te as amplidões e o sentimento vivo
Do mysterio com todos os seus calafrios...

A lua vem te dar mais tragica amargura,
E mais desolação e mais melancolia,
E as estrellas, do céu na Eucharistia pura,
Tem a magoa velada da Virgem Maria.

Ah! Noite original, noite desconsolada,
Monja da solidão, espiritual e augusta,
Onde fica o teu reino, a região vedada,
A região secreta, a região vetusta?!

Almas dos que não tem o Refugio supremo
De altas contemplações, dos mais altos mysteri
Vinde sentir da Noite o Isolamento extremo,
Os fluidos immortaes, angelicaes, ethéreos.

Vinde ver como são mais castos e mais bell.
Mais puros que os do dia os nocturnos vapor
Por toda a parte no ar levantam-se castel
E nos parques do céu ha kermesses de amor

Volúpias, seducções, encantos feiticeiros
Andam a embalsamar teu seio tenebroso
E as aguias da Illusão, de vôos altaneiros,
Crivam de azas triumphaes o horizonte onduloso.

Cavalleiros do Ideal, de erguida lança em riste,
Sonham, a percorrer teus velhos Paços cavos...
E esse nobre esplendor de magestade triste
Recebe outros lauréis mais bizarros e bravos.

Convulsivas paixões, convulsivas nevróses,
Recordações senis nos teus aspectos vagam,
Mil allucinações, mortas apothéoses
E mil philtros subtis que mórnamente embriagam.

O' grande Monja negra e transfiguradora,
Magia sem igual dos páramos eternos,
Quem assim te creou, selvagem Sonhadora,
Da carícia de céus e do negrôr d'infernos?

Quem auréolas te deu assim miraculosas
E todo o estranho casso e todo o estranho medo,
Quem poz na tua treva onduições nervosas,
E mudez e silencio e sombras e segredo?

Mas ah! quanto consolo andar errando, errando,
Perdido no teu Bem, perdido nos teus braços
Nos noivados da Morte andar alem sonhando,
Na uncção sacramental dos teus negros Espaços!

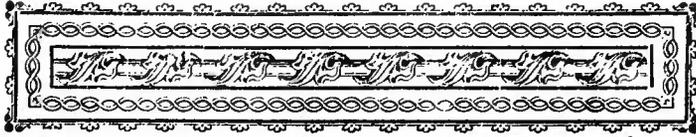
Que glorioso trophéo andar assim perdido
Na larga vastidão do mudo firmamento,
Na noite virginal occultamente unguido,
Nas transfigurações de humano sentimento !

Faz descer sobre mim os brandos véos da calma,
Symphonia da Dôr, ó Symphonia muda,
Voz de todo o meu Sonho, ó noiva da minh'alma,
Phantasma inspirador das Religiões de Bhuda.

O' negra Monja triste, ó grande Soberana,
Tentadora Visão que me seduzes tanto,
Abençôa meu ser no teu doce Nirvana,
No teu Sepulchro ideal de desolado encanto !

Hostia negra e feral da communhão dos mortos,
Noite creadora, mãe dos gnomos, dos vampiros,
Passageira senil dos encantados portos,
O' cégo sem bordão da torre dos suspiros...

Abençôa meu ser, unge-o dos óleos castos,
Enche-o de turbilhões de somnambulas aves,
Para eu me diffundir nos teus Sacrarios vastos,
Para me consolar com os teus Silencios graves.



INEXORAVEL

O' meu Amor, que já morreste,
O' meu Amor, que morta estás !
Lá nessa cova a que desceste,
O' meu Amor, que já morreste,
Ah ! nunca mais florescerás ? !

Ao teu esqualido esqueleto,
Que tinha outr'ora de uma flôr
A graça e o encanto do amuleto;
Ao teu esqualido esqueleto
Não voltará novo esplendor ? !

E, ah ! o teu craneo sem cabellos,
Sinistro, sêcco, estéril, nú...
(Bellas madeixas dos meus zêlos !)
E, ah ! o teu craneo sem cabellos
Ha de ficar como estás tú ? !

O teu nariz de aza redonda,
De linhas límpidas, subtis
Oh ! ha de ser na lama hedionda
O teu nariz de aza redonda
Comido pelos vérmes vis ? !

Os teus dois olhos—dois encantos—
De tudo, emfim, maravilhar,
Sacratio augusto dos teus prantos,
Os teus dois olhos --dois encantos—
Em dois buracos vão ficar ? !

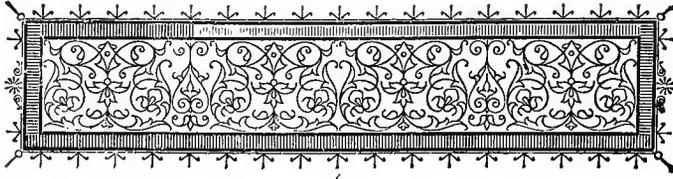
A tua bocca perfumosa,
O céu do nectar sensual,
Tão casta, fresca e luminosa,
A tua bocca perfumosa
Vae ter o cancro sepulchral ? !

As tuas mãos de nivea sêda,
De veias candidas e azues
Vão se extinguir na noite trêda
As tuas mãos de nivea sêda,
Lá nesses lugubres paús ? !

As tuas tentadoras pômas
Cheias de um magnífico elixir,
De quentes, calidos aromas
As tuas tentadoras pômas
Ah! nunca mais hão de florir ? !

A essencia virgem da belleza,
O gesto, o andar, o sol da voz
Que Illuminava de pureza,
A essencia virgem da belleza,
Tudo acabou no horror atroz ? !

Na funda treva dessa cova,
Na inexoravel podridão
Já te apagaste, Estrella nova,
Na funda treva dessa cova,
Na negra Transfiguração !



REQUIEM

Como os psalmos dos Evangelhos celestiaes,
Os sonhos que eu amei hão de acabar,
Quando o meu corpo, tremulo, dos velhos
Nos gelados outônos penetrar.

O rosto encarquilhado e as mãos já frias,
Engelhadas, convulsas, a tremer,
Apenas viverei das nostalgias
Que fazem para sempre envelhecer.

Por meus olhos sem brilho e fatigados
Como sombras de outr'ora, passarão
As illusões de uns olhos constellados
Que da Vida douraram-me a Illusão.

Mas tudo, emfim, as boccas perfumosas,
O mar, o campo e tudo quanto amei,
As auroras, o sol, passaros, rosas,
Tudo rirá do estado a que cheguei.

Do brilho das estrellas crystallinas
Virá um riso ironico de dôr,
E da minh'alma subirão neblinas,
Incensos vagos, canticos d'amôr.

Por toda a parte o amargo escarneo fundo,
Sem já mais nada para mim florir,
As risadas vandalicas do mundo,
Seccos desdens por toda a parte a rir.

Que hão de ser vãos esforços da memoria
Para lembrar os tempos virginaes,
As rugas da materia transitoria
Hão de lá estar como a dizer : — jamais !

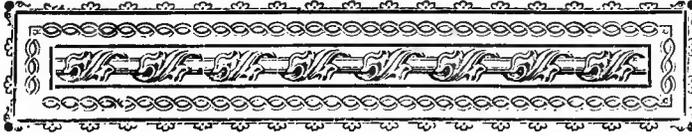
E hei de subir transfigurado e lento
Altas montanhas cheias de visões,
Onde gelaram, n'um luar nevoento,
Tantos e solitarios corações.

Recordarei as intimas ternuras
De seres raros, porem mortos já,
E de mim, do que fui, pelas torturas
D'este viver pouco me lembrará.

O mundo clamará sinistramente
D'aquelle que a velhice alquebra e allúe...
Mas ah ! por mais que clame toda a gente
Nunca dirá o que de certo eu fui.

E os dias frios e ermos da Existencia
Cahirão n'um crepusculo mortal,
Na soluçante, mystica plangencia
Dos orgãos de uma estranha cathedral.

Para me ungir no derradeiro e ancioso
Olhar que a extrema commoção traduz,
Sob o celeste pallio magestoso
Hão de passar os Viacticos da luz.



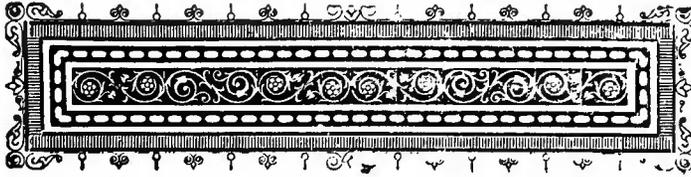
VISÃO

Noiva de Satanaz, Arte maldita,
Mago Fructo lethal e prohibido,
Somnambula do Além, do Indefinido
Das profundas paixões, Dôr infinita.

Astro sombrio, luz amarga e afflicta,
Das Illusões tantalico gemido,
Virgem da Noite, do luar dorido,
Com toda a tua Dôr oh ! sê bemdita !

Seja bemdito esse clarão eterno
De sol, de sangue, de veneno e inferno,
De guerra e amôr e occasos de saudade...

Sejam bemditas, immortalisadas
As almas castamente amortalhadas
Na tua estranha e branca Magestade !



PRESAGO

Nas aguas d'aquelle lago
Dormita a sombra d'Iago...

Um véu de luar funéreo
Cóbre tudo de mysterio...

Ha um livido abandono
Do luar no estranho somno.

Transfiguração enórme
Encóbre o luar que dórme...

Dá meia-noite na ermida,
Como o ultimo ai de uma vida.

São badaladas nevoentas,
Somnolentas, somnolentas...

Do céu no estrellado luxo
Passa o phantasma de um bruxo.

No mar tenebroso e tétro
Vaga de um naufrago o espéctro.

Como phantasticos signos,
Erram demonios malignos.

Na brancura das ossadas
Gemem as almas penadas.

Lobis-homens, feiticeiras
Gargalham no luar das eiras.

Os vultos dos enforcados
Uivam nos ventos irados.

Os sinos das torres frias
Soluçam hypocondrias.

Luxurias de virgens mortas
Das tumbas rasgam as portas.

Andam tôrvos pezadellos
Arripiando os cabellos.

Coálha nos lodos abjectos
O sangue roxo dos fétos.

Ha rios máus, amarellos
De presagio de flagéllos.

Das vesgas concupiscencias
Sáem vis phosphorecencias.

Os remórsos contorcidos
Mordem os ares pungidos.

A alma cobarde de Judas
Recebe expressões cornudas.

Negras aves de rapina
Mostram a garra assassina.

Sob o céu que nos opprime
Languéscem fórmias de crime.

Com os mais sinistros furôres,
Saem gemidos das flôres.

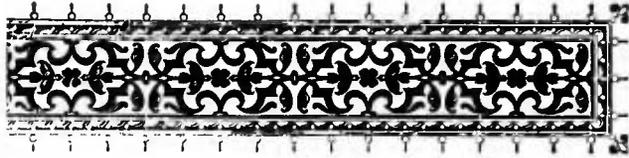
Caveiras ! Que horrôr medonho !
Parecem visões de um sonho !

A morte com Sancho Pança,
Grotesca e tragica, dança.

E como um symbolo eterno,
Rhythmo dos Rythmos do inferno,

No lago morto, ondulando,
D'entre o luar noctivagando,

O côrvo hediondo crocita
Da sombra d'lago maldita!



RESURREIÇÃO

Alma! Que tu não chores e não gemas,
Teu amor voltou agora.
Eil-o que chega das mansões extrêmas,
Lá onde a loucura mora !

Veio mesmo mais bello e estranho, acaso,
Desses lividos paizes.
Magica flôr a rebentar de um vaso
Com prodigiosas raizes.

Veio transfigurada e mais formosa
Essa ingenua natureza,
Mais agil, mais delgada, mais nervosa,
Das essencias da Belleza.

Certo neblinamento de saudade
Morbida envolve-a de leve...
E essa diluente espiritualidade
Certos mysterios descréve.

O meu Amor voltou de aéreas curvas,
Das paragens mais funestas...
Veio de percorrer tôrvas e turvas
E funambulescas festas.

As festas turvas e funambulescas
Da exotica Phantasia,
Por plagas cabalísticas, dantescas,
De estranha selvageria.

Onde carrascos de tremendo aspecto
Como astros monstros circulam
E as meigas almas de sonhar inquieto
Barbaramente estrangulam.

Elle andou pelas plagas da loucura,
O meu Amor abençoado,
Banhado na poesia da Ternura,
No meu Affecto banhado.

Andou ! Mas afinal de tudo veio,
Mais transfigurado e bello,
Repousar no meu seio o proprio seio
Que eu de lagrimas estrélllo.

De lagrimas d'encanto e ardentes beijos,
Para matar, triumphante,
A sêde ideal de mystico desejo
De quando elle andou errante.

E lagrimas, que enfim, caem ainda
Com os mais ácres dos sabôres
E se transfórmam (maravilha infinda !)
Em maravilhas de flôres !

Ah ! que feliz um coração que escuta
As origens de que é feito !
E que não é nenhuma pedra bruta
Mumificada no peito !

Ah ! que feliz um coração que sente
Ah ! tudo vivendo intenso
No mais profundo borbulhar latente
Do seu fundo fóco immenso !

Sim ! eu agora pósso ter devéras
Ironias sacrosantas...
Pósso os braços te abrir, Luz das Espheras,
Que das trevas te levantas.

Pósso mesmo já rir de tudo, tudo
Que me devóra e me opprime.
Voltou-me o antigo sentimento mudo
Do teu olhar que redime.

Já não te sinto morta na minh'alma
Como em camara mortuaria,
Naquella estranha e tenebrosa calma
De solidão funeraria.

Já não te sinto mais embalsamada
No meu carinho profundo,
Nas mortalhas da Graça amortalhada,
Como ave voando do mundo.

Não ! não te sinto mortalmente envolta
Na névoa que tudo encerra...
Doce espectro do pó, da poeira solta
Deflorada pela terra.

Não sinto mais o teu sorrir macabro
De desdenhosa caveira.
Agora o coração e os olhos ábro
Para à Natureza inteira !

Negros pavôres sepulchraes e frios
Alem morreram com o vento...
Ah ! como estou desafogado em rios
De rejuvenescimento !

Deus existe no esplendôr d'algum Sonho,
Lá n'alguma estrella esquivã.
Só elle escuta o soluçar medonho
E tórna a Dôr menos viva.

Ah! foi com Deus que tu chegaste, é certo,
Com a sua graça expontanea
Que emigraste das plagas do Deserto
Nú, sem sombra e sol, da Insania !

No entanto como que volupias vagas
Desses horrores amargos,
Talvez recordação d'aquellas plagas
Dão-te exquisitos lethargos...

Porém tu, afinal, resuscitaste
E tudo em mim resuscita.
E o meu Amor, que repurificaste,
Canta na paz infinita !



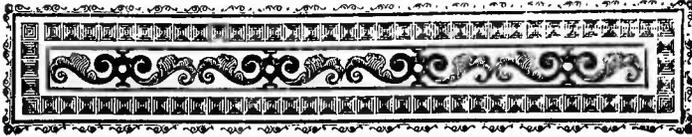
ENLÊVO

Da doçura da Noite, da doçura
De um tenro coração que vem sorrindo,
Seus segredos reconditos abrindo
Pela primeira vez, á luz mais pura.

Da doçura celeste, da ternura
De um Bem consoladôr que vae fugindo
Pelos extremos do horisonte infindo,
Deixando-nos somente a Desventura.

Da doçura innocente, immaculada
De uma carícia virginal da Infancia,
Nessa de rosas fresca madrugada.

Era assim tua candida fragancia,
Archanjo ideal de auréola delicada,
Visão consoladora da Distancia...



PIEDOSA

(A Nestor Victor)

Não sei porque, magoada Flôr sem gloria,
A tua voz de tremula meiguice
Desperta em mim a mocidade flórea
De sentimentos que não tem velhice.

Guzlas de um céu remotamente mudo
Gemem plangentes nessa voz que vòa
E atravez d'ella, abençoando tudo,
Um luar de perdões dasabotôa.

Vejo-te então sublimemente triste
E excélsa e doce, n'um aneio lento,
Vagando como um ser que não existe,
Transfigurada pelo Soffrimento.

Mas, não sei como vejo-te por brumas,
Alem da de ouro constellada Porta,
Na ondulação das lividas espumas,
Morta, já morta, muito morta, morta...

E sinto logo esse supremo e sabio
Travo da dôr, se morta te antevejo,
Essa macabra contracção de labio
Que mórde e tantalisa o meu desejo.

Fico sempre a scismar, se tu morresses
Que angustia fina me laceraria,
Que musicas de céos saudosos, desses
Céos infinitos sobre mim fluiria...

Que anjos brancos soberbos, deslumbrantes,
Resplandescentes nos broquéis das vestes,
Claros e altos voariam flammejantes
Para buscar-te, dos Azues Celestes.

Sim ! Sim ! Pois então tanta e atroz fadiga,
Tanta e tamanha dôr convulsa e cega
Ha de ficar sem doce luz amiga,
Da lagrima dos céos, que tudo réga ? !

As batalhas cruéis do sacrificio,
As transfigurações dos teus calvarios,
Essas virtudes, rolarão com o vicio
Pelos mesmos abysmos tumultuarios ? !

Toda a obscura pureza dos teus feitos,
A tua alma mais simples do que a agoa,
Essa bondade, todos os eleitos
Sentimentos que tens de flôr da Magoa ;

Nada se salvará jamais, mais nada
Se salvará, no instante derradeiro ? !
O' interrogação desesperada,
Errante, errante pelo mundo inteiro!

Nada se salvará da essencia viva
Que tudo purifica e reffloresce;
De tanta fé, de tanta luz altiva,
De tanta abnegação, de tanta préce ? !

Nada se salvará, piedosa e pobre
Flôr desdenhada pelo Mal ufano.
Só o meu coração e verso nobre
Hão de abrigar-te do desprezo humano.

Na transcendencia do teu ser, tão alta,
Vejo dos céus como que os dons, a esmóla.
O indefinido que de ti resalta
Me prende, me arrebatata e me consóla.

E sinto que a tu'alma desprendida
Do terrestre, do negro labyrintho
Melhor ha de adorar-me na outra Vida,
Melhor sentindo tudo quanto eu sinto.

Porque não é por sentimento vago,
Nem por simples e vã litteratura,
Nem por caprichos de um estylo mago
Que sinto tanto a tua essencia pura.

Não é por transitoria veleidade
E para que o mundo reconheça,
Que sinto a tua candida Piedade,
As auréolas de luz dessa cabeça.

Não é para que o mundo te proclame
Maravilha das martyres, das santas
Que eu digo sempre ao meu Amor que te ame
Mesmo atravez de tantas ancias, tantas.

Nem é tambem para que o mundo creia
Na humilde limpidez da tu'alma justa,
Que o mundo, vil e vão desdenha e odeia
Toda a humildade, toda a crença augusta.

Mas sinto porque te amo e te acompanho
Pelas montanhas de onde sóes saudosos
Clarões e sombras de um mysterio estranho
Espalham, como adeuses carinhosos.

Sinto que te acompanho, que te sigo
Tranquillo, calmo desses vãos rumores
E que tu váes emballada commigo
Na mesma rêde de carinho e dores.

Sinto os segredos do teu corpo amado,
Toda a graça floral, a graça breve,
Todo o composto languido, alquebrado
Do teu perfil de aureo crescente leve.

Sinto-te as linhas immortaes do flanco,
E as ondas vaporosas dos teus passos
E todo o sonho castamente branco
Da volupia celeste desses braços.

Sinto a muda expressão da tua bocca
Feito n'um doce e doloroso córte
De beijo dado na vehemencia louca
Dos céos do goso entre o estertor da morte.

Sinto-te as nobres mãos affagadôras,
Riquezas raras de um valor secreto
E mãos cujas caricias redemptoras
São as caricias do supremo Affecto.

Sinto os teus olhos fluidos, de onde emérge
Uma graça, uma paz, tamanho encanto,
Tão brando e triste, que a minh'alma aspérge
Em suavíssimos balsamos de pranto.

Uns olhos tão ethéreos, tão profundos,
De tanta e tão subtil delicadeza
Que parecem viver lá n'outros mundos,
Longe da contingente Natureza.

Olhos que sempre no tremendo chóque
Dos soffrimentos intimos, latentes,
Tem esse tóque amigo, o velho tóque
Original das lagrimas ardentes.

Ah ! só eu vejo e sinto esse desvélo
Que transfigura e faz o teu martyrio,
O sentimento amargurado e bello
Que é já, talvez, quasi mortal delirio...

Sinto que a mesma chamma nos abraça,
Que um perfume eternal, casto, exquisito,
Circula e vive com divina graça
Dentro do nosso tremulo Infinito.

E tudo quanto me sensibilisa,
Fere, magôa, dilacéra, punge,
Tudo no teu olhar se crystalisa,
No teu olhar, no teu olhar que me unge.

Sinto por ti o mais febril e intenso
Carinho quasi louco, doentio...
Carinho singular, curioso, immenso,
Que deixa na alma um resplendor sombrio.

E é de tal fórma esse carinho raro,
De tal encanto e tão sagrada essencia,
De tal Piedade e tal Perdão preclaro,
Que canta na estrellada Refulgencia.

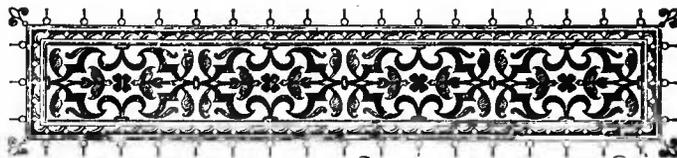
Ah ! nunca saberás quanto exotismo
De sentimento me alanceia e pulsa,
Vibra violinos de somnambulismo
Nest'alma ora serena, ora convulsa !

Tens luz de lua e tens gorgeios de ave
No mundo virginal dos meus sentidos,
E és sonho, sombra de Angelus suave
Nos nossos mutuos e communs gemidos.

E sonho, sombra de Angelus, tão brandos,
Immortalmente tão indefiniveis
Que todos os terrôres execrandos
Cóbrem-se para nós de iris sensiveis.

E' assim que eu te sinto, êrma, sosinha,
Fragil, piedosa, nos singellos brilhos
Erguendo aos braços, nobremente minha,
Os dolentes trophéos dos nossos filhos.

Erguendo-os como calices amargos
De um vinho ideal de já mortas chiméras,
Para alem destes céus mudos e largos
Na ampla misericordia das Esphéras !



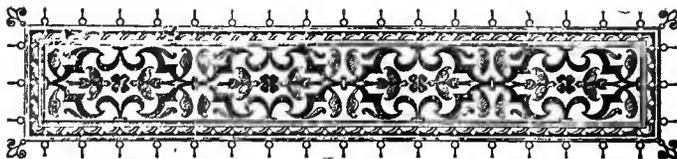
AUSENCIA MYSTERIOSA

Uma hora só que o teu perfil se afasta,
Um instante sequer, um só minuto
Desta casa que amo — vago luto
Envólve logo esta morada casta.

Tua presença delicada basta
Para tudo tornar claro e impolluto...
Na tua ausencia, da Saudade escuto
O pranto que me prende e que me arrasta...

Secretas e subtis melancolias
Recuadas na Noite dos meus dias
Vem para mim, lentas, se approximando.

E em toda casa, nos objectos, erra
Um sentimento que não é da Terra
E que eu mudo e sósinho vou sonhando...



MEU FILHO

Ah! quanto sentimento ! ah ! quanto sentimento!
Sob a guarda piedosa e muda das Esphéras
Dorme, calmo, embalado pela voz do vento,
Frágil e pequenino e tenro como as héras.

Ao mesmo tempo suave e ao mesmo tempo estranho
O aspecto do meu filho assim meigo dormindo...
Vem d'elle tal frescura e tal sonho tamanho
Que eu nem mesmo já sei tudo que vou sentindo.

Minh'alma fica presa e se debate anciosa,
Em vão soluça e clama, eternamente presa
No segredo fatal dessa flôr caprichosa,
Do meu filho, a dormir, na paz da Natureza.

Minh'alma se debate e vae gemendo afflicta
No fundo turbilhão de grandes ancias mudas :
Que esse tão pobre ser, de ternura infinita,
Mais tarde irá tragar os venenos de Judas !

Dar-lhe eu beijos, apenas, dar-lhe, apenas, beijos,
Carinhos dar-lhe sempre, ephemeros, aéreos,
O que vale tudo isso para outros desejos,
O que vale tudo isso para outros mysterios ? !

De sua doce mãe que em prantos o abençôa
Com o mais profundo amor, archangelicamente,
De sua doce mãe, tão limpida, tão bôa,
O que vale esse amor, todo esse amor vehemente ? !

O longo sacrificio extremo que ella faça,
As vigalias sem nome, as orações sem termo,
Quando as garras cruéis e horriveis da Desgraça
De sadío que elle é, fazem-no fraco e enfermo ? !

Tudo isso, ah ! tudo isso, ah ! quanto vale tudo isso
Se outras preocupações mais fundas me lacéram,
Se a graça de seu riso e a graça do seu viço
São as flores mortaes que meu tormento géram ? !

Porque tantas prisões, porque tantas cadeias
Quando a alma quér voar nos páramos liberta ?
Ah ! Ceus ! Quem me revéla essas Origens cheias
De tanto desespero e tanta luz incérta !

Quem me revéla, pois, todo o thesouro immenso
Desse immenso Aspirar tão entranhado, extremo !
Quem descóbri, afinal, as causas do que eu penso,
As causas do que eu soffro, as causas do que eu gemo !

Pois então hei de ter um affecto profundo,
Um grande sentimento, um sentimento insano
E hei de vel-o rolar, nos turbilhões do mundo,
Para a valla commum do eterno Desengano ? !

Pois esse filho meu que ali no berço dórme,
Elle mesmo tão casto e tão sereno e doce
Vem para ser na Vida o vão phantasma enorme
Das Dilacerações que eu na minh'alma trouxe ? !

Ah ! Vida ! Vida ! Vida ! Incendiada tragédia,
Transfigurado Horror, Sonho transfigurado,
Macabras contorsões de lugubre comédia
Que um cérebro de louco houvesse imaginado !

Meu filho que eu adóro e cubro de carinhos,
Que do mundo vilão térnamente defendo
Ha de mais tarde errar por tremedaes e espinhos
Sem que o póssa acudir no supplicio tremendo.

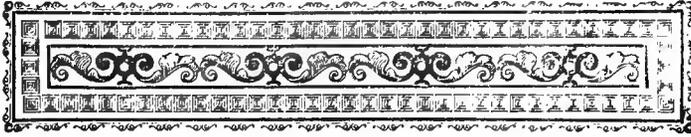
Que eu vagarei por fim nos mundos invisíveis,
Nas diluentes visões dos largos Infinitos,
Sem nunca mais ouvir os clamores horríveis,
A magoa dos seus ais e os échos dos seus gritos.

Vendo-o no berço assim, sinto muita agonia,
Um mixto de anciedade, um mixto de tortura.
Subo e paio dos céus na estrellada harmonia
E desço e entro do Inferno a furna hórrida, escura.

E sinto sêde intensa e intensa fébre, tanto,
Tanto Azul, tanto abysmo atroz que me deslumbra.
Velha saudade ideal, monja de amargo Encanto,
Désce por sobre mim sua estranha penumbra.

Tu não sabes, jamais, tu nada sabes, filho,
Do tormentoso Horror tu nada sabes, nada...
O teu caminho é claro, é matinal de brilho,
Não conhéces a sombra e os gólpes da emboscada.

Nesse ambiente de amor onde dórmes teu somno
Não sentes nem siquer o mais ligeiro espectro...
Mas, ah ! eu vejo bem, sinistra, sobre o throno,
A Dôr, a eterna Dôr, agitando o seu sceptro !



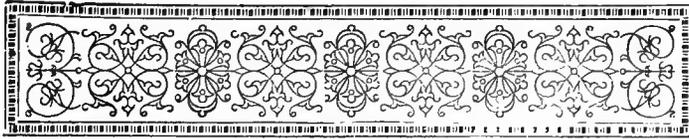
VISÃO GUIADÔRA

O'alma silenciosa e compassiva
Que convérsas com os Anjos da Tristeza,
O'delicada e languida beleza
Nas cadeias das lagrimas captiva.

Frágil, nervosa timidez lasciva,
Graça magoada, doce subtileza
De sombra e luz e da delicadeza
Dolorosa de musica afflictiva.

Alma de acérbo, amargurado exilio,
Perdida pelos céos n'um vago idyllio
Com as almas e visões dos desolados.

O' tu que és bôa e porque és bôa és bella,
Da Fé e da Esperança eterna estrella
Todo o caminho dos desamparados.



LITANIA DOS POBRES

Os miseráveis, os rotos
São as flôres dos esgôtos.

São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionarios
Dos abyssos tumultuarios.

As sombras das sombras mortas,
Cégos, a tactear nas portas.

Procurando o céu, affictos
E varando o céu de gritos.

Pharóes á noite apagados
Por ventos desesperados.

Inuteis, cançados braços
Pedindo amor aos Espaços.

Mãos inquietas, estendidas
Ao vão deserto das vidas.

Figuras que o Santo Officio
Condemna a feróz supplicio.

Arcas sôltas ao nevoento
Diluvio do Esquecimento.

Perdidas na correnteza
Das culpas da Natureza.

O' pobres ! Soluços feitos
Dos peccados imperfeitos !

Arrancadas amarguras
Do fundo das sepulturas.

Imagens dos deletérios,
Imponderáveis mysterios.

Bandeiras rôtas, sem nome,
Das barricadas da fome.

Bandeiras estraçalhadas
Das sangrentas barricadas.

Phantasmas vãos, sybillinos
Da cavérna dos Destinos !

O' pobres ! o vosso bando
É tremendo, é formidando !

Elle já marcha crescendo,
O vosso bando tremendo...

Elle marcha por collinas,
Por montes e por campinas.

Nos areiaes e nas sérras
Em hóstes como as de guerras.

Cerradas legiões estranhas
A subir, descer montanhas.

Como avalanches terríveis
Enchendo plagas incríveis.

Atravéssa já os mares,
Com aspectos singulares,

Pérde-se além nas distancias
A caravana das ancias.

Pérde-se além na poeira,
Das Esphéras na cegueira.

Váe enchendo o estranho mundo
Com o seu soluçar profundo.

Como torres formidandas
De torturas miserandas.

E de tal fórma no immenso
Mundo elle se torna denso.

E de tal fórma se arrasta
Por toda a região mais vasta.

E de tal fórma um encanto
Secréto vos véste tanto.

E de tal forma já crésce
O bando, que em vós parece.

O' Pobres de occultas chagas
Lá das mais longinquas plagas !

Paréce que em vós ha sonho
E o vosso bando é risonho.

Que atravez das rôtas véstes
Trazeis delicias celéstes.

Que as vossas boccas, de um vinho
Prelibam todó o carinho...

Que os vossos olhos sombrios
Trazem raros amavios.

Que as vossas almas trevosas
Vem cheias de odôr das rosas

De torpôres, d'indolencias
E graças e quintessencias.

Que já livres de martyrios
Vem festonadas de lyrios.

Vem nimbadas de magia,
De mórna melancolia:

Que essas flagelladas almas
Reverdêcem como palmas.

Balanceadas no lethargo
Dos sôpros que vem do largo...

Radiantes d'illusionismos,
Segredos, orientalismos.

Que como em aguas de lagos
Bóiam n'ellas scysnes vagos...

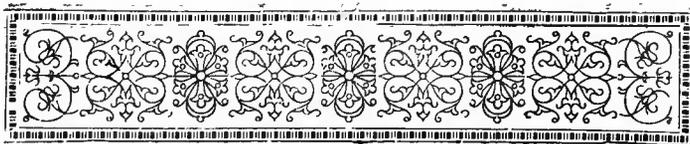
Que essas cabeças errantes
Trazem louros verdejantes,

E a languidez fugitiva
De alguma esperança viva.

Que trazeis magos aspeitos
E o vosso bando é de eleitos.

Que véstis a pompa ardente
Do velho Sonho dolente.

Que por entre os estertôres
Sois uns bellos sonhadôres.



8

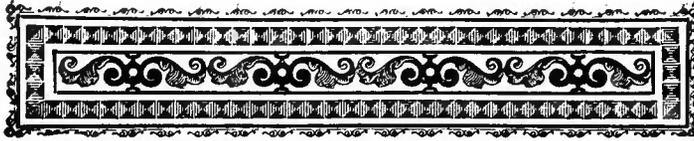
SPLEEN DE DEUSES

Oh ! Dá-me, dá-me o teu sinistro Inferno
Dos desesperos téticos, violentos,
Onde rugem e bramem como os ventos
Anathemas da Dôr, no fogo eterno...

Dá-me o teu fasciante, o teu phalérno
Dos phalérnos das lagrimas, sangrentos
Vinhos profundos, venenosos, lentos
Matando o goso nesse horrôr do Averno.

Assim o Deus dos Páramos clamava
Ao Demonio soturno e o rebellado,
Capricornio Satan, ao Deus bradava :

Se és Deus e já de mim tens triumphado,
Para lavar o Mal do Inferno e a bava
Dá-me o tédio senil do céu fechado...



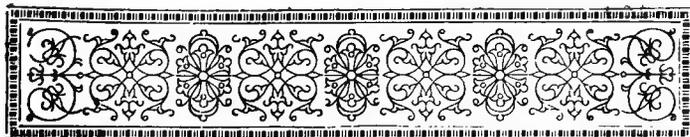
DIVINA

Eu não busco saber o inevitável
Das espiraes da tua vã materia.
Não quero cogitar da paz funérea
Que envólve todo o ser inconsolável.

Bem sei que no teu circulo maleável
De vida transitoria e mágoa séria
Ha manchas dessa organica miseria
Do mundo contingente, imponderável.

Mas o que eu amo no teu ser obscuro
É o evangélico mysterio puro
Do sacrificio que te tórna heroína.

São certos raios da tu'alma anciosa
É certa luz misericordiosa,
É certa aureola que te faz divina !



CABELLOS

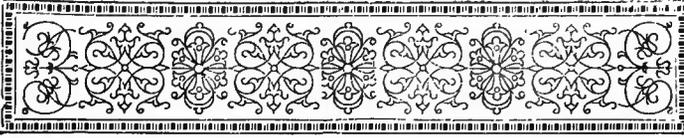
I

Cabellos ! Quantas sensações ao vê-los !
Cabellos negros, do esplendor sombrio,
Por onde corre o fluido vago e frio
Dos brumosos e longos pesadelos...

Sonhos, mysterios, anciedades, zelos,
Tudo que lembra as convulsões de um rio
Passa na noite calida, no estio
Da noite tropical dos teus cabelos.

Passa atravez dos teus cabellos quentes,
Pela chamma dos beijos inclementes,
Das dolencias fataes, da nostalgia...

Aureola negra, magestosa, ondeada,
Alma da treva, densa e perfumada,
Languida Noite da melancholia!



OLHOS

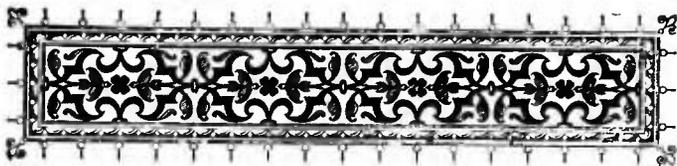
II

A Grecia d'Arte, a estranha claridade
D'aquella Grecia de belleza e graça,
Passa, cantando, vae cantando e passa
Dos teus olhos na eterna castidade.

Toda a serena e altiva heroicidade
Que foi dos gregos a immortal couraça,
Aquelle encanto e resplendor de raça
Constellada de antiga magestade,

Da Athenas florea todo o viço louro
E as rosas e os myrtaes e as pompas d'ouro,
Odysseás e deuses e galeras...

Na somnolencia de uma lua aziaga,
Tudo em saudade nos teus olhos vaga,
Canta melancolias de outras éras !...



BOCCA

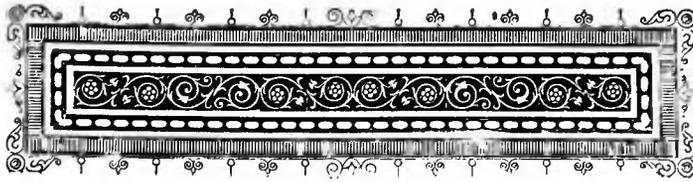
III

Bocca viçosa, de perfume a lyrio,
Da limpida frescura da nevada,
Bocca de pompa grega, purpureada,
Da magestade de um damasço assyrio.

Bocca para deleites e delirio
Da volupia carnal e allucinada,
Bocca de Archanjo, tentadora e arqueada,
Tentando Archanjos na amplidão do Æmpyreo,

Bocca de Ophelia morta sobre o lago,
D'entre a aureola de luz do sonho vago
E os faunos leves do luar inquietos...

Estranha bocca virginal, cheirosa,
Bocca de myrrha e incensos, milagrosa
Nos philtros e nos toxicos secretos...



SEIOS

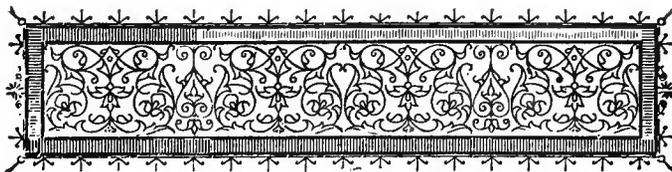
IV

Magnolias tropicaes, fructos cheirosos
Das arvores do Mal fascinadoras,
Das negras mancenilhas tentadoras,
Dos vagos narcotismos venenosos.

Oasis brancos e miraculosos
Das frementes volupias peccadoras
Nas paragens fataes, aterradoras
Do Tédio, nos desertos tenebrosos...

Seios de aroma embriagador e langue,
Da aurora de ouro do esplendor do sangue,
A alma de sensações tantalisando.

O' seios virginaes, thalamos vivos,
Onde do amor nos extases lascivos
Velhos faunos febris dormem sonhando...



MÃOS

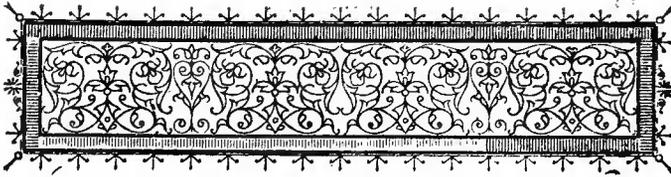
V

O' Mãos eburneas, Mãos de claros veios,
Exquisitas tulipas delicadas,
Languidas Mãos subtis e abandonadas,
Finas e brancas, no esplendor dos seios.

Mãos ethericas, diaphanas, de enleios,
De effluvios e de graças perfumadas,
Reliquias immortaes de éras sagradas
De antigos templos de reliquias cheios.

Mãos onde vagam todos os segredos,
Onde dos ciumes tenebrosos, tredos
Circula o sangue apaixonado e forte.

Mãos que eu amei, no féretro medonho
Frias, já murchas, na fluidez do Sonho,
Nos mysterios symbolicos da Morte !



PÉS

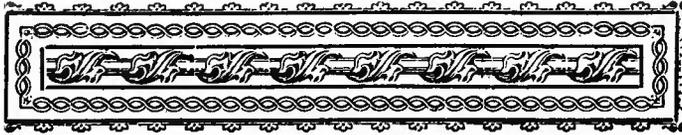
VI

Lívidos, frios, de sinistro aspecto,
Como os pés de Jesus, rôtos em chaga,
Inteiriçados, d'entre a auréola vaga
Do mysterio sagrado de um affecto.

Pés que o fluido magnetico, secreto
Da Morte maculou de estranha e maga
Sensação exquisita que propaga
Um frio n'alma, doloroso e inquieto...

Pés que boccas febris e apaixonadas
Purificaram, quentes, inflammadas,
Com o beijo dos adeuses soluçantes.

Pés que já no caixão, enrigecidos,
Aterroradamente indefinidos
Géram fascinações dilacerantes !



CORPO

VII

Pompas é pompas, pompas soberanas,
Magestade serena da esculptura,
A chamma da suprema formosura,
A opulencia das purpuras romanas.

As fórmias immortaes, claras e ufanas,
Da graça grega, da belleza pura,
Resplendem na archangelica brancura
Desse teu corpo de emoções profanas.

Cançam as infinitas nostalgias,
Os mysterios do Amor, melancolias,
Todó o perfume de eras apagadas...

E as aguias da paixão, brancas, radiantes,
Voam, revoam, de azas palpitantes,
No esplendor do teu corpo arrebatadas!



CANÇÃO NEGRA

(A Nestor Victor)

O' bocca em tromba retorcida
Cuspindo injurias para o Céu,
Aberta e pútrida ferida
Em tudo pondo igual labéo.

O' bocca em chammas, bocca em chamittas,
Da mais sinistra e negra voz,
Que clamas, clamas, clamas, clamas
N'um cataclismo estranho, atroz.

O' bocca em chagas, bocca em chagas,
Somente anathemas a rir,
De tantas pragas, tantas pragas
Em catadúpas a rugir.

O' bocca de uivos e pedradas,
Visão hystérica do Mal,
Cortando como mil facadas
D'um golpe só, transcendental.

Sublime bocca sem peccado,
Cuspindo embora a lama e o púz,
Tudo a deixar transfigurado,
O lôdo a transformar em luz.

Bocca de ventos inclementes
De universaes revoluções,
Alevantando as hóstes quentes,
Os sanguinarios batalhões.

Abençoada a canção velha
Que os labios teus cantam assim
Na tua face que se engélha,
Da côr de livido marfim.

Parece a furna do Castigo
Jorrando pragas na canção,
A tua bocca de mendigo
Tão tôsco como o teu bordão.

Bocca fatal de tôrvos thrênos !
Da omnipotencia do bom Deus,
Louvados sejam taes venenos,
Purificantes como os teus !

Tudo precisa um ferro em braza
Para este mundo transformar...
Nos teus Anathemas põe aza
E vae no mundo praguejar !

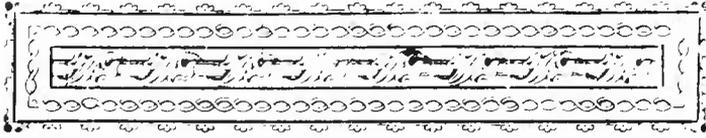
O' bocca ideal de rudes trovas,
Do mais sangrento resplendor,
Vae reflorir todas as cóvas,
O facho a erguer da luz do Amor.

Nas vãs miserias deste mundo
Dos exorcismos cóspe o fél...
Que as tuas pragas rasguem fundo
O coração desta Babel.

Mendigo extranho ! Em toda a parte
Vae com teus gritos, com teus ais,
Como o symbolico estandarte
Das trêdas convulsões mortaes !

Resume todos esses travos
Que a terra fazem languescer.
Das mãos e pés arranca os cravos
Das cruzes mil de cada Ser.

Á terra é mãe ! — mas ébria e louca
Tem gérmens bons e gérmens vis...
Bem dita seja a negra bocca
Que tão malditas cousas diz !



A ÍRONIA DOS VERMES

Eu imagino que és uma princeza
Morta na flôr da castidade branca...
Que teu cortejo sepulchral arranca
Por tanta pompa espasmos de surpresa.

Que tu váes por um cóche conduzida,
Por esquadrões flammivômos guardada,
Como carnal e virgem madrugada,
Bella das bellas, sem mais sol, sem vida.

Que da Côrte os luzidos Dignitarios
Com seus aspectos marciaes, bizzarros,
Séguem-te apóz nos fagulhantes carros
E a excélsa cauda dos cortejos varios.

Que a trópa toda fórma nos caminhos
Por onde irás passar indifferente ;
Que ha no semblante vão de toda a gente
Curiosidades que parécem vinhos.

Que os potentes canhões roucos atrôam
O espaço claro de uma tarde suave,
E que tu váes, Lyrio dos lyrios e ave
Do Amor, por entre os sons que te corôam.

Que nas flôres, nas sêdas, nos velludos,
E nos crystáes do feretro radiante,
Nos damascos do Oriente, na faiscante
Onda de tudo ha longos prantos mudos.

Que do silencio azul da immensidade,
Do perdão infinito dos Espaços
Tudo te dá os beijos e os abraços
Do seu adeus á tua Magestade.

Que de todas as cousas como Verbo
De saudades sem termo e de amargura,
Sáe um adeus á tua formosura,
N'um desolado sentimento acérbo.

Que o teu corpo de luz, teu corpo amado,
Envolto em finas e cheirosas véstes,
Sob o carinho das Mansões celestes
Ficará pela Morte encarcerado.

Que o teu séquito é tal, tai a cohorte,
Tal o sol dos brazões, por toda a parte,
Que em vez da horrenda Morte supplantar-te
Crêr-se que és tu que supplantaste a Morte.

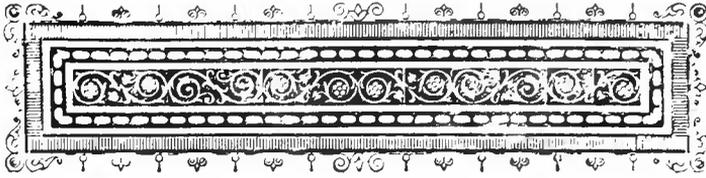
Mas dos faustos mortaes a régia trompa,
Os grandes ouropéis, a real Kermesse,
Ah! tudo, tudo proclamar parece
Que has de afinal apodrecer com pompa.

Como que fôram feitos de luxuria
E goso ideal teus funeraes luxuosos
Para que os vermes, pouco escrupulosos,
Não te devórem com plebéa furia.

Para que elles ao menos vendo as bellas
Magnificencias do teu corpo exhausto
Mordam-te com cuidados e cautélas
Para o teu corpo apodrecer com fausto.

Para que póssa apodrecer nas frias
Geleiras sepulchraes d'esquecimentos,
Nos mais augustos apodrecimentos,
Entre constellações e pedrarias.

Mas ah ! quanta ironia atroz, funérea,
Imaginaria e candida Princeza :
E's igual a uma simples camponeza
Nos apodrecimentos da Materia !



IGNEZ

Tem teu nome a estranha graça
De uma galga verde, estranha.
Certo langor te adelgaça,
Certo encanto te acompanha.

És velada, quebradiça
Como teu nome é velado.
Certa flôr curiosa viça
No teu corpo edenisado.

Chamam-te a Ignez dos quebrantos,
A galga verde, a felina,
Amaranto de amarantos
Das franzinás a franziãa.

Teus olhos, langues aquários
Adormentados de scysma,
Vivem mudos, solitarios
Como uma treva que abysma.

Tua bocca, vivo cravo
Sanguineo, purpuro, ardente,
De certa fórma tem travo
Embora veladamente.

És lyrio de velho outono,
Meiga Ignez, e de tal sorte
Que já vives no abandono,
Meio ennevôada da morte.

Teu beijo, do rosmaninho
Tem o sáinete amargoso...
Lembra a saudade de um vinho
Secreto, mas venenoso.

Por um mysterio indizível
Não te é dado amar na terra.
Vem de longe o Indefinível
Que os teus silencias encérra !

Deus fechou-te a sete chaves
O coração lá no fundo...
Mas deu-te as azas das aves
Para irradiar no mundo.



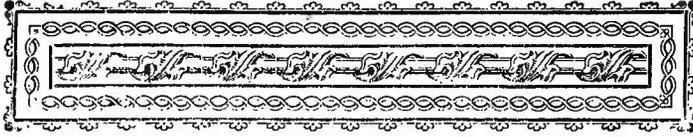
HUMILDADE SECRÉTA

Fico parado, em extase suspenso
Às vezes, quando vou considerando
Na humildade sympathica, no brando
Mysterio simples do teu ser immenso.

Tudo o que aspiro, tudo quanto penso
D'estrellas que andam dentro em mim cantando,
Ah! tudo ao teu phenomeno vae dando
Um céu de azul mais carregado e denso.

e onde não sei tanta simplicidade,
anta secréta e limpida humildade
em ao teu ser como os encantos raros.

os teus olhos tu'alma transparéce...
de tal sorte que o bom Deus parece
iver sonhando nos teus olhos claros.



FLOR PERIGOSA

Ah ! quem, tremulo e pallido, medita
No teu perfil de áspide triste, triste
Não sabe em quanto abysmo essa infinita
Tristeza amarga singular consiste.

Tens todo o encanto de uma flor, o encanto
Secreto de uma flor de vago aroma...
Mas não sei que de morno e de quebranto
Vem, lasso e langue, dessa negra coma.

És das origens mais desconhecidas,
De uma longiqua e nebulosa infancia.
A visão das visões indefinitas,
De atra, sinistra morbida elegancia.

Como flor, entretanto, és bem amarga!
Pollens celestes o teu ser inundam,
Mas ninguém sabe a onda nervosa e larga
Dos insectos mortaes que te circundam.

Quem teu aroma de mulher aspira
Fica entre ancias de tumulto fechado...
Sente vertigens de vulcão, delira
E morre, subtilmente envenenado.

Teu olhar de fulgencias e de treva,
Onde as volupias a peccar se ajustam,
Guarda um mysterio que envilece e eleva,
Causa deliquios e emoções que assustam.

És flor, mas como flor és perigosa,
Do mais sombrio e tétrico perigo...
Phenomenos fataes de luz anciosa
Vão pelas noites segredar contigo.

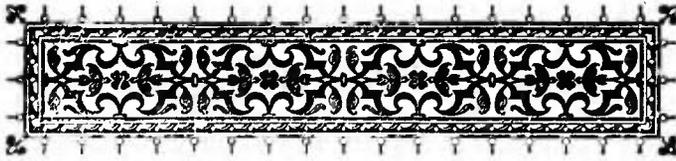
Vão segredar que és feia e que és estranha
Sendo feia, mas sendo extravagante,
De enorme, de esquisita, de tamanha
Influencia de eclipse radiante...

Sei ! não nasceste sob a luz que ondeia
Na belleza e nos astros da saude ;
Mas sendo assim, mórbidamente feia,
O teu ser feia torna-se virtude.

És feia e doente, surges desse mixto,
Da exotica, da insana, da funesta
Aureola ideal dos martyrios de Christo
Naquelle Dor absurdamente mésta.

Vens de lá, vens de lá — fundos remótos
Adelgaçando como os véos de um rio...
Abrindo do magoado e velho lotus
Do sentimentó, todo o sol doentio...

Mas quem quizer saber o quanto encerra
Teu ser, de mais profundo e mais nevoento,
Venha aspirar-te no teu vaso — a Terra —
O' perigosa flor do esquecimento!



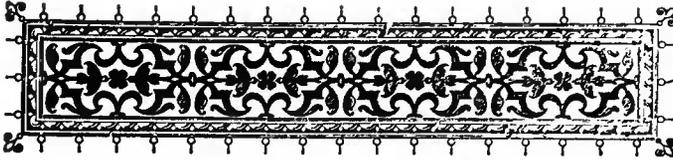
METEMPSYCHOSE

Agora, já que apodrecêo a argilla
Do teu corpo divino e sacrosanto;
Que embalsámaram de magoado pranto
A tua carne, na mudez tranquilla,

Agora, que nos Céus, talvez, se asyla
Aquella graça e luminoso encanto
De virginal e pallido amaranto
Entre a Harmonia que nos Céus desfilla.

Que da morte o estupôr macabro e feio
Congelou as magnolias do teu seio,
Por entre catalépticas visões...

Surge, Bella das Bellas, na Belleza
Dos transcendentalismo da Pureza,
Nas brancas, immortaes Resurreições !



OS MONGES

Montanhas e montanhas e montanhas
Eil-os que vão galgando.
As sombras vãs das figuras estranhas
Na Terra projectando.

Habitam nas mansões do Imponderavel
Esses graves ascétas;
Occultando, talvez, no Inconsolavel
Amarguras inquietas.

Como os reis Magos, trazem lá do Oriente
As alfaias preciosas,
Mas alfaias, surprehendentemente,
As mais miraculosas.

Nem incensos, nem myrrhas e nem ouros,
Nem myrrhas nem incensos,
Outros mais raros, magicos thesouros
Sobre todos, immensos.

Pelos longiquos, sáfaros caminhos
Que vivem percorrendo,
A Dôr, como átros, venenosos vinhos,
Os vae deliquescendo.

São os monges sombrios, solitarios,
Como esses vagos rios
Que passam nas florestas tumultuarios,
Solitarios, sombrios.

São monges das florestas encantadas,
Dos ignótos tumultos,
Almas na Terra desassocegadas,
Desconsolados vultos.

São os monges da Graça e do Mysterio,
Pharóes da Eternidade
Illuminando todo o Azul sidéreo
Da sagrada Saudade.

— Onde e quando acharão o seu descanso
Elles que ha tanto vagam ?
Em que dia terão esse remanso
Os seus pés que se chagam ?

Quando caminham nas Regiões nevoentas,
Da lua nos quebrantos,
As suas sombras vagarosas, lentas
Ganham certos encantos...

Ficam nimbados pela luz da lua
Os seus perfis tristonhos...
Sob a dolencia peregrina e crúa
Dos tantalicos sonhos.

As Illusões são seus mantos sanguineos
De symbolos de dores,
De signos, de solemnes vaticinios,
De nirvanicas flores.

Bemditos monges immortaes, bemditos
Que ethéreas harpas tangem !
Que rasgam d'alto a baixo os Infinitos,
Infinitos abrangem.

Deixai-os ir com os seus trophéos bizzarros
De humano Sentimento,
Arrebatados pelos igneos carros
Do augusto Pensamento.

Que os leve a graça das errantes almas,
—Grandes azas de tudo—
Entre as Hosanas, o verdor das palmas,
Entre o Mysterio mudo !

Não importa saber que rumo trazem
Nem se é longo esse rumo...
Elles no Indefinido se comprazem,
São delle a chamma e o fumo.

Deixai-os ir pela Amplidão a fóra,
Nos Silencios da esphéra,
Nos esplendores da eternal Aurora
C'roados de Chiméra !

Deixai-os ir pela Amplidão, deixai-os,
No segredo profundo,
Por entre fluidos de celestes raios
Transfigurando o mundo.

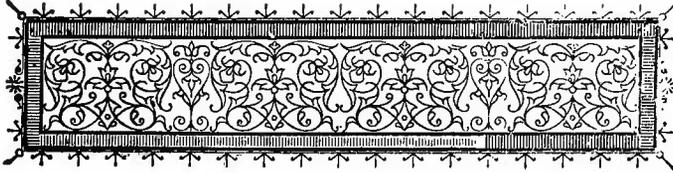
Que só os astros que do Azul scintillam
Pela sidérea rêde
Saibam que os monges, lividos, desfilam
Devorados de sêde...

Que ninguem mais póssa saber as ancias
Nem sentir a Dolencia
Que vindo das incógnitas Distancias
E'dos monges a essencia !

Monges, ó monges da divina Graça,
Lá da graça divina,
Deu-vos o Amor toda a immortal couraça
Dessa Fé que allucina.

No meio de anjos que vos abençoam
Corações estremecem...
E tudo eternamente vos perdôam
Os que não vos esquecem.

Toda a misericórdia dos espaços
Vos oscule, surpreza...
E abri, serenos, largamente, os braços
A toda a Natureza !



TRISTEZA DO INFINITO

Anda em mim, soturnamente,
Uma tristeza ociosa,
Sem objectivo, latente,
Vaga, indecisa, medrosa.

Como ave tôrva e sem rumo,
Ondúla, vagueia, oscilla
E sobe em nuvens de fumo
E na minh'alma se asyla.

Uma tristeza que eu, mudo,
Fico n'ella meditando
E meditando, por tudo
E em toda a parte sonhando.

Tristeza de não sei d'onde,
De não sei quando nem como...
Flôr mortal, que dentro esconde
Sementes de um mago pômo.

Dessas tristezas incertas,
Esparsas, indefinidas...
Como almas vagas, desertas
No rumo eterno das vidas.

Tristeza sem causa forte,
Diversa de outras tristezas,
Nem da vida nem da morte
Gerada nas correntezas...

Tristeza de outros espaços,
De outros céus, de outras esphéras,
De outros límpidos abraços,
De outras castas primavéras.

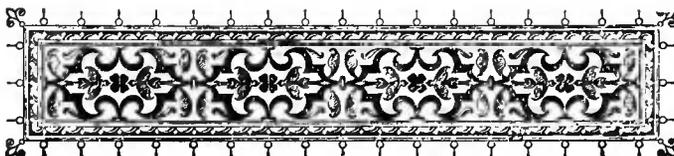
D'essas tristezas que vagam
Com volúpias tão sombrias
Que as nossas almas alagam
De estranhas melancolias.

D'essas tristezas sem fundo,
Sem origens prolongadas,
Sem saudades deste mundo,
Sem noites, sem alvoradas.

Que principiam no sonho
E acabam na Realidade,
Atravez do mar tristonho
Desta absurda Immensidade.

Cérta tristeza indizível,
Abstracta, como si fosse
A grande alma do Sensível
Magoada, mystica, doce:

Ah! tristeza imponderavel,
Abysmo, mystério afflicto,
Torturante, formidavel...
Ah! tristeza do Infinito!



LUAR DE LAGRIMAS

I

Nos estrellados, límpidos caminhos
Dos Céus, que um luar criva de prata e de ouro,
Abrem-se roseos e cheirosos ninhos,
E ha muitas méeses do bom trigo louro.

Os astros cantam meigas cavatinas,
E na frescura as almas claras gósam
Alvoradas eternas, crystallinas,
E os Dons supremos, divinaes espósam.

Lá, a florescencia dos Desejos
Tem sempre um novo e original perfume,
Tudo rejuvenésce d'entre harpejos
E d'entre palmas verdes se resume.

As proprias mocidades e as infancias
Das cousas têm um esplendor infindo
E as immortalidades e as distancias.
Estão sempre florindo e reflorando.

Tudo ahi se consóla e transfigura
N'um Relicario de viver perfeito,
E em cada uma alma peregrina e pura
Alvóra o sentimento mais eleito.

Tudo ahi vive e sonha o immaculado
Sonho exquisito e azul das quintessencias,
Tudo é subtil e candido, estrellado,
Embalsamado de eternaes essencias.

Lá as Horas são aguias, vôam, vôam
Com grandes azas resplandecedôras...
E harpas augustas finamente sôam
As Alleluias glorificadôras.

Forasteiros de todos os matizes
Sentem alli felicidades castas
E os que essas libações gosam felizes
Deixam da terra as vastidões nefastas.

Anjos excélsos e contemplativos,
Soberbos e solemnes, soberanos,
Com aspectos grandiloquos, altivos,
Sonham sorrindo, angelicaes e ufanos.

Lá não existe a convulsão da Vida
Nem os tremendos, tragicos abrólhos.
Ha por tudo a doçura indefinida
Dos azues melancólicos de uns olhos.

Véos brancos de Visões resplandescentes
Miraculosamente se adelgaçam...
E recordando essas Visões diluentes
Dolencias beethovínicas perpassam.

Ha magos e archangélicos poderes
Para que as existencias se transformem...
E os mais egregios e completos seres
Somnos sagrados, impollutos dormem...

É lá que vagam, que plangentes érram,
Lá que devem vagar, de certo, flóreas,
Puras, as Almas que eu perdi, que encérram
O meu Amor nas Urnas illusórias.

Hosannas de perdão e de bondade,
De celestial misericórdia santa
Abençôam toda essa claridade
Que na harmonia das Espheras canta.

Préces ardentes como ardentes sarças
Sóbem no meio das divinas méssees.
Lembra o vôo das pombas e das garças
A leve ondulação de tantas préces.

E quem penetra nesse ideal Dominio,
Por entre os raios das estrellas bellas,
Todo o celeste e singular escriptorio,
Todo o escriptorio das lagrimas vê n'ellas.

E absôrto, penetrando os Céus tão calmos,
Céus de constellações que maravillham
Não sabe, acaso, se com os brilhos almos,
São estrellas ou lagrimas que brilham.

Mas ah! das Almas esse azul lethargo,
Esse eterno, immortal Isolamento,
Tudo se envólve n'um luar amargo
De Saudade, de Dor, de Esquecimento!

Tudo se envólve nas neblinas densas
De outras recordações, de outras lembranças,
No doce luar das lagrimas immensas
Das mais inconsolaveis esperanças.

II

O' mortos meus, ó desabados mortos!
Chego de viajar todos os portos.

Volto de ver inhóspitas paragens,
As mais profundas regiões selvagens.

Andei errando por funestas tendas
Onde das almas escutei as lendas.

E tornei a voltar por uma estrada
Erma, na solidão, abandonada.

Caminhos máus, atalhos infinitos
Por onde só ouvi ancias e gritos.

Por toda a parte a rir o incêndio e a peste
Debaixo da Ilusão do Azul celeste.

Era também luar, luar lutuoso
Pelas estradas onde errei saudoso...

Era também luar, o luar das penas,
Brando luar das Ilusões terrenas.

Era um luar de triste morbidez
Amortalhando toda a natureza.

E eu em vão busquei, Mortos queridos,
Por entre os meus tristíssimos gemidos.

Em vão pedi os philtros dos segredos
Da vossa morte, á voz dos arvoredos.

Em vão fui perguntar ao Mar que é cego
A lei do Mar do Sonho onde navégo...

Ao Mar que é cego, que não vê quem morre
Nas suas ondas, onde o sol escorre...

Em vão fui perguntar ao Mar antigo
Qual era o vosso desolado abrigo.

Em vão vos procurei, cheio de chagas,
Por estradas insólitas e vagas.

Em vão andei mil noites por desértos,
Com passos espectraes, dubios, incértos.

Em vão clamei pelo luar a fóra,
Pelos occasos, pelo albôr da aurora.

Em vão corri nos areiaes terriveis
E por curvas de montes impassiveis.

Só um luar, só um luar de morte
Vagava igual a mim, com a mesma sorte.

Só um luar sempre calado e ductil,
Para a minha afflicção, acérbo e inutil.

Um luar de silencio formidavel
Sempre me acompanhando, impenetravel.

Só um luar de mortos e de mortas
Para sempre a fechar-me as vossas portas.

E eu, já purgado dos terrestres Crimes,
Sem achar nunca essas portas sublimes.

Sempre fechado á chave de mysterio
O vosso exilio pelo Azul sidéreo.

Só um luar de tremulos martyrios
A illuminar-me com clarões de cirios.

Só um luar de desespero horrendo
Ah! sempre me pungindo e me vencendo.

Só um luar de lagrimas sem termos
Sempre me perseguindo pelos érmos.

E eu caminhando cheio de abandono
Sem attingir o vosso claro throno.

Sósinho para longe caminhando
Sem o vosso carinho venerando.

Percorrendo o deserto mais sombrio
E de abandono a tiritar de frio...

O' Sombras meigas, ó Refugios térnos
Ah! como penetrei tantos Infernos!

Como eu descí sem vós negras escarpas,
O' Almas do meu ser, ó Almas de harpas!

Como senti todo esse abysmo ignáro
Sem nenhuma de vós por meu ampáro.

Sem a benção gosar, serena e doce,
Que o vosso Ser aos meus cuidados trouxe.

Sem ter ao pé de mim o astral cruzeiro
Do vosso grande amor alviçareiro.

Por isso, ó sombras, sombras impoliutas,
Eu ando a perguntar ás fórmulas brutas.

E ao vento e ao mar e os temporaes que ullulam
Onde é que esses perfis se crepusculam.

Caminho, a perguntar, em vão, a tudo,
E só vejo um luar soturno e mudo.

Só contemplo um luar de sacrificios,
De angustias, de tormentas, de cilícios.

E sem ninguém, ninguém que me responda
Tudo a minh'alma nos abysmos sonda.

Tudo, sedenta, quér saber, sedenta
Na febre da Illusão que mais augmenta.

Tudo, mas tudo quér saber, não cessa
De prescrutar e a prescrutar coméça.

De novo sóbe e désce escadarias
D'estrellas, de mysterios, de harmonias.

Sóbe e não cança, sóbe sempre, austéra,
Pelas escadarias da Chiméra.

Vólta, circula, abrindo as azas vólta
E os vôos de aguia nas Estrellas sólta.

Cada vez mais os vôos no alto apruma
Para as etéreas amplidões da Bruma.

E tanta força na ascensão desprende
Da envergadura, á proporção que ascende...

Tamanho impulso, colossal, tamanho
Ganha na Altura, no Explendor estranho.

Tanto os esforços em subir concentra,
Em tantas zonas de Prodigios entra.

Nas duas azas tal vigôr supremo
Léva, atravez de todo o Azul extremo,

Que parece com aguias de atras garras
Com azas gigantescas e bizarras.

Cem aguias soberanas, poderosas
Levantando as cabeças fabulosas.

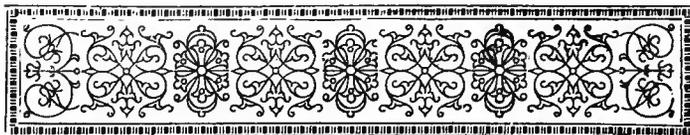
E vòa, vòa, vòa, vòa immersa
Na grande luz dos Paramos dispêrsa.

E vòa, vòa, vòa, vòa, vòa,
Nas Espheras sem fim perdida a tòa.

Até que exhausta de fadiga e sonho
Nessa vertigem, nesse errar medonho.

Até que tonta de abranger Espaços,
Da Luz nos fulgidissimos abraços.

Depois de vôar a tão subtis Encantos,
Vendo que as Illusões a abandonáram,
Chora o luar das lagrimas, os prantos
Que pelos Astros se crystallisáram !



ÉBRIOS E CÉGOS

Fim de tarde sombria.
Tôrvo e preságo todo o céu nevoento.
Densamente chovia.
Na estrada o lôdo e pelo espaço o vento.

Monotonos gemidos
Do vento, mórnos, languidos, sensíveis:
Plangentes ais perdidos
De solitarios seres invisíveis...

Dous secretos mendigos
Vinham, bambos, os dous, de braço dado,
Como estranhos amigos
Que se houvessem nos tempos encontrado.

Parecia que a bruma
Crepuscular os envolvia, absortos
N'uma visão, n'alguma
Visão fatal de vivos ou de mortos.

E de ambos o andar lasso.
Tinha talvez algum somnambulismo,
Como através do espaço
Duas sombras volteando n'um abysmo.

Era tacteante, vago
De ambos o andar, aquelle andar tacteante
De ondulação de lago,
Tardo, arrastado, tremulo, oscillante.

E tardo, lento, tardo,
Mais tardo cada vez, mais vagaroso,
No tôrvo aspecto pardo
Da tarde, máis o andar éra brumoso.

Bamboleiando no lôdo,
Como que juntos resvallando aéreos,
Todo o mysterio, todo
Se desvendava desses dous mysterios :

Ambos ébrios e cegos,
No cháos da embriaguez e da cegueira,
Vinham cruzando pégs
De braço dado, a sua vida inteira.

Ninguém diria, entanto,
O sentimento tragico, tremendo,
A convulsão de pranto
Que aquellas almas ia turvescendo.

Ninguém sabia, certos,
Quantos os desesperos mais agudos
Dos mendigos desertos,
Ébrios e cegos, caminhando mudos.

Ninguém lembrava as ancias
D'aquelles dous estados meio gemeos,
Presos nas inconstancias
De soffrimentos quasi que bohemios.

Ninguém diria nunca,
Ébrios e cegos, todos dous tacteando,
A que atroz espelunca
Tinham, sem vista, ido beber, bambeando.

Que negro alcool profundo
Turvou-lhes a cabeça e que sudario
Mais pesado que o mundo
Poz-lhes nos olhos tal horror mortuario.

E em tudo, em tudo aquillo,
N'aquelles sentimentos tão estranhos,
De tamanho sigillo,
Como esses entes vis era tamanhos !

Que tão fundas cavernas
Aquellas duas dôres enjauláram,
Mizeraveis e eternas
Nos horriveis destinos que as geráram.

Que medonho mar largo,
Sem lei, sem rumo, sem visão, sem norte,
Que absurdo tédio amargo
De almas que apostam duellar com a morte !

Nas suas naturezas,
Entre si tão oppostas, tão diversas,
Monstruosas grandezas
Medravam, já unidas, já dispersas.

Onde a noite acabava
Da cegueira feral de atros espasmos,
A embriaguez começava
Rasgada de ridiculos sarcasmos.

E bebedas, sem vista,
Na mais que trovejante tempestade,
Caminhando á conquista
Do desdem das esmolas sem piedade,

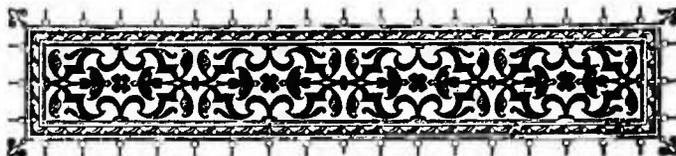
Lá iam, juntas, bambas,
—Acorrentadas convulsões atrozes—.
Ambas as vidas, ambas
Já meio allucinadas e ferozes.

E entre a chuva e entre a lama
E soluços e lagrimas secréas,
Presas na mesma trama,
Turvas, fluctuavam, tremulas, inquiéas.

Mas ah ! torpe materia !
Se as attritassem, como pedras brutas,
Que chispas de miseria
Romperiam de taes almas corruptas!

Tão grande, tanta treva,
Tão terrivel, tão tragica, tão triste,
Os sentidos subléa,
Cava outro horror, fora do horror que existe.

Pois do sinistro sonho
Da embriaguez e da cegueira enórme,
Erguia-se, medonho,
Da loucura o phantasma disconforme.



INDICE

	Pags.
I. Recolta de estrellas	7
II. Recorda	12
III. Canção do bebado	16
IV. A flôr do diabo	19
V. As estrellas	23
VI. Pandemonium	25
VII. Envelhecer	30
VIII. Flores da lua	34
IX. Tédio	36
X. Lyrio astral	41
XI. Sem esperança	46
XII. Caveira	48

	Pags.
XIII. Requiem de só1	50
XIV. Esquecimento	52
XV. Violões que choram	58
XVI. Olhos do sonho	65
XVII. Enclausurada	68
XVIII. Musica da morte	70
XIX. Monja negra	72
XX. Inexoravel	77
XXI. Requiem	80
XXII. Visão	83
XXIII. Presago	85
XXIV. Ressurreição	89
XXV. Enlêvo	93
XXVI. Piedosa	95
XXVII. Ausencia mysteriosa	103
XXVIII. Meu filho	105
XXIX. Visão guiadôra	109
XXX. Litania dos pobres	111
XXXI. Spleen de Deuses	117
XXXII. Divina	119
XXXIII. Cabellos I	121
Olhos II	123
Bocca III	125
Seios IV	127
Mãos V	129
Pés VI	131
Corpo VII	133
XXXIV. Canção negra	135

	Pags.
XXXV. A ironia dos vermes	139
XXXVI. Ignez	143
XXXVII. Humildade secreta	146
XXXVIII. Flôr perigosa	148
XXXIX. Metempsychose	151
XL. Monges	153
XLI. Tristeza do infinito.....	158
XLII. Luar de lagrimas	161
XLIII. Ebrios e cegos	171

NOTA



CRUZ E SOUZA confiou-me antes de partir para a estação do Sítio, onde tres dias depois fallecen, todos aquelles de seus manuscritos que elle destinava á publicação.

Formam elles tres livros, dos quaes ajuda em vida sua, começou-se a tratar de publicar "EVOCAÇÕES", em prosa, que ha mais de um anno foi lançado á venda. Deve-se em grande parte o facto d'essa publicação ao Sr. Saturnino de Meirelles, á quem confiei os manuscritos d'aquelle livro, tendo-se elle offerecido para assumir a responsabilidade material da edição.

O segundo, de versos, sahe agora sob este titulo de "PHARÓES", CRUZ E SOUZA ainda não havia deliberado definitivamente sobre o nome geral que daria á collecção; em todo caso este que resolvi adoptar foi lembrado por elle, embora n'um tom consultivo, em conversa, horas antes de sua partida, entre elle, o nosso amigo commum Arthur de Miranda e eu. Achei que bastava tal indicação da parte do autor para impedir-me de continuar a preoccupar-me com a questão da escolha de um titulo ao livro. Este é publicado por iniciativa minha e com a coadjuvação poderosa dos meus amigos e compañheiros intellectnaes Gustavo Santiago e Oliveira Gomes.

Resta o terceiro, agora, "ÚLTIMOS SONETOS", que será publicado depois, conforme as circumstancias do momento permittirem. Este me veiu ás mãos separado da collecção que ora se publica, mas sem titulo geral, apenas com a declaração do proprio punho do autor de que eram os seus *ultimos sonetos*. Tal declaração foi que suggeriu o titulo adoptado.

N'esta edição dos "PHARÓES", que pude revisar da primeira á ultima pagina, o que não se den com as "EVOCAÇÕES", leves modificações orthographicas, apenas, foram feitas, e n'um ou dois pontos ligeira alteração de palavras para a correcção do metro. Só uma poesia não tinha titulo em toda a collecção a XXXV, pag. 139, a que dei o nome de "IRONIA DOS VERMES" para uniformisar n'este ponto o aspecto exterior do livro.

Guardo, alem d'estas tres obras, algumas peças de prosa e verso a mim confiadas pela piedosa vinva do poeta. Mas d'essas umas são trabalhos modernos que, no entanto, elle retirou das collecções a que os destinava a principio, ontras são producções antigas, dos tempos de primeira formação do seu talento, completamente destoantes de sua obra definitiva. Conservo-as como documentos preciosos, mas me parece que deixando de publical-as como trabalhos de Arte son fiel ás intenções do autor e correspondo melhor á confiança que elle em mim depositou.

NESTOR VICTOR.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).